

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

O DESEMPENHO ACADÊMICO DO ESTUDANTE-TRABALHADOR DO  
CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UNB

Roger Ferlini Bastos Machado

Brasília  
Setembro de 2012

# O DESEMPENHO ACADÊMICO DO ESTUDANTE-TRABALHADOR DO CURSO NOTURNO DE PEDAGOGIA DA UNB

Roger Ferlini Bastos Machado

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para obtenção  
de título de Licenciado em Pedagogia à  
Comissão Examinadora da Faculdade de  
Educação, sob a orientação da Professora  
Doutora Maria da Conceição da Silva  
Freitas.

Comissão Examinadora:

---

Professora Doutora Maria da Conceição da Silva Freitas (orientadora)  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Professora Doutora Hέλvia Leite Cruz  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Professor Doutor Renato Hilário dos Reis  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

“Nunca deixe que lhe digam  
Que não vale a pena acreditar no sonho que se tem  
Ou que seus planos nunca vão dar certo  
Ou que você nunca vai ser alguém  
Tem gente que machuca os outros  
Tem gente que não sabe amar  
Mas eu sei que um dia a gente aprende  
Se você quiser alguém em quem confiar  
Confie em si mesmo  
Quem acredita sempre alcança”

*(Renato Russo)*

Dedico este trabalho a Deus, à minha família e aos meus colegas estudantes-trabalhadores que vivenciaram a mesma jornada e todas as glórias e sofrimentos que ela nos traz.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, a Jesus Cristo, a Mãe Divina e a todos os santos, por todo o auxílio e bênçãos que recebi sem os quais não seria possível a elaboração deste trabalho e que me mantém vivo.

À minha família toda, em especial a minha querida mãe, Maria Teresa, que foi como uma co-orientadora deste trabalho, sempre me apoiando em todos os momentos e me auxiliando no que fosse necessário para o sucesso deste trabalho.

À minha orientadora, professora Maria da Conceição da Silva Freitas, pelos esclarecimentos, ideias e todo auxílio que recebi sem o qual não seria possível o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os professores do curso noturno de Pedagogia da FE, por seus ensinamentos, palavras de incentivo, enfim, por tudo.

Ao professor Renato Hilário dos Reis e todos os meus colegas e parceiros do GENPEX, pelos semestres de trabalho duro que enfrentamos juntos. O que vivi com vocês me ajudou na busca de ser uma pessoa melhor.

Aos meus colegas de curso, pelas conversas, pelas palavras de incentivo, pela paciência em ouvir meus desabafos, enfim, por tudo que compartilhamos juntos.

Aos participantes da pesquisa de campo desta monografia, pois sem vocês não teria sido possível desenvolver este trabalho.

A todos os funcionários e pessoas que trabalham na FE pelos serviços prestados.

A todas as pessoas que porventura me escapam à memória e que tenham contribuído de forma direta ou indireta na elaboração deste trabalho.

Obrigado!

MACHADO, Roger Ferlini Bastos. **O desempenho acadêmico do estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da Universidade de Brasília**. 2012. 60 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender como o fato do estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB ter que conciliar estudo e trabalho afeta seu desempenho acadêmico durante a trajetória universitária. A análise foi feita através de uma amostragem em que foram aplicados questionários em uma turma de uma disciplina do quinto semestre do curso noturno de Pedagogia da UnB. O referencial teórico buscou abordar alguns elementos relacionados ao tema deste trabalho, quais sejam: o contexto histórico do estudo e trabalho, o perfil do estudante-trabalhador, o desempenho acadêmico e o contexto do curso noturno presencial de Pedagogia da Faculdade de Educação (FE) da UnB. Conclui-se basicamente que a concomitância entre trabalho e estudo afeta as escolhas efetuadas pelo (a)s aluno (a)s durante o curso, obrigando-os a selecionar as disciplinas em função do horário, prejudicando a qualidade de sua formação acadêmica. Os sujeitos da pesquisa esperam que os docentes exijam do aluno a dedicação aos estudos, sem deixar de compreender sua realidade. Constatou-se também que o suporte acadêmico oferecido ao estudante-trabalhador noturno necessita ser melhorado.

Palavras-chave: estudante-trabalhador, trabalhador-estudante, desempenho acadêmico, curso noturno de Pedagogia.

MACHADO, Roger Ferlini Bastos. **The academic performance of the working-student of the evening course of Pedagogy of the University of Brasília.** 2012. 60 p. Monograph (Graduation in Pedagogy) – Faculty of Education, University of Brasília, Brasília, 2012.

#### ABSTRACT

This study aims to understand how the fact that the student-worker of the nocturne course of Pedagogy of UnB has to combine study and work affects their academic performance during the academic trajectory. The analysis was made using a sample in which questionnaires were administered in a classroom discipline of the fifth semester of the nocturne course of Pedagogy of UnB. The theoretical sought to address some elements related to the topic of this study, namely: the historical context of the study and work, the profile of the student-worker, academic performance and classroom context of evening course in Education, Faculty of Education at UNB. The conclusion is basically that concurrency between work and study affects the choices made by the students during the course, forcing them to choose subjects according to the schedule which ultimately affect the quality of their academic formation. The research subjects expect that teachers require student dedication to the studies while understanding their reality. It also been detected that the academic support offered to student-night worker needs to be improved.

Keywords: working-student, academic performance, course of Pedagogy.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

1. MEMORIAL EDUCATIVO .....	1
2. INTRODUÇÃO.....	5
3. JUSTIFICATIVA.....	6
4. CONTEXTO HISTÓRICO DO ESTUDO E TRABALHO.....	8
<b>4.1 Conceito de trabalho.....</b>	<b>8</b>
<b>4.2 Conceito de educação.....</b>	<b>9</b>
<b>4.3 Educação e sua relação com o trabalho.....</b>	<b>11</b>
5. PERFIL DO ESTUDANTE-TRABALHADOR UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO DO NOTURNO.....	13
<b>5.1 Dados estatísticos.....</b>	<b>13</b>
<b>5.2 Porque estudar e trabalhar?.....</b>	<b>15</b>
<b>5.3 O estudante e a realidade.....</b>	<b>17</b>
6. DESEMPENHO ACADÊMICO.....	20
7. CONTEXTO DO CURSO NOTURNO PRESENCIAL DE PEDAGOGIA DA FE.....	22
8. METODOLOGIA.....	25
<b>8.1 Objetivo geral.....</b>	<b>25</b>
<b>8.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>25</b>
<b>8.3 Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>25</b>
<b>8.4 Apresentação e análise dos dados coletados.....</b>	<b>26</b>
8.4.1 <u>Perfil dos estudantes-trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UnB.....</u>	26
8.4.2 <u>Estudo e trabalho.....</u>	36
8.4.3 <u>Expectativas com relação ao curso.....</u>	37
8.4.4 <u>Desempenho acadêmico.....</u>	41
8.4.5 <u>Curso de Pedagogia noturno da FE.....</u>	46
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	58
ANEXO.....	59



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Sexo.....	27
<b>Tabela 2</b> - Estado Civil.....	27
<b>Tabela 3</b> – Onde cursou o ensino médio.....	28
<b>Tabela 4</b> – Ano de ingresso no curso de Pedagogia.....	29
<b>Tabela 5</b> – Nível de instrução do pai.....	30
<b>Tabela 6</b> - Nível de instrução da mãe.....	31
<b>Tabela 7</b> – Mora com os pais.....	32
<b>Tabela 8</b> – Situação econômica.....	33
<b>Tabela 9</b> – Profissão.....	34
<b>Tabela 10</b> – Local de trabalho.....	34
<b>Tabela 11</b> – Situação da Moradia.....	35
<b>Tabela 12</b> - Meio de transporte utilizado.....	35
<b>Tabela 13</b> – Metodologia de ensino.....	37
<b>Tabela 14</b> – Tipo de professor.....	39
<b>Tabela 15</b> – Participação em atividades extraclasse.....	41
<b>Tabela 16</b> – Relação entre trabalho e estudo.....	42
<b>Tabela 17</b> – Relação entre estudo e trabalho.....	43
<b>Tabela 18</b> – Fatores que influenciam a continuidade do estudo.....	44
<b>Tabela 19</b> – Auxílio da universidade na superação das dificuldades.....	45
<b>Tabela 20</b> – Orientação acadêmica.....	46
<b>Tabela 21</b> – Qualidade das informações sobre a oferta dos Projetos 3 e 4.....	49
<b>Tabela 22</b> – Oferta de horários dos Projetos 3 e 4.....	50
<b>Tabela 23</b> – Integração entre teoria e prática dentro dos Projetos 3 e 4.....	51

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Sexo.....	27
<b>Gráfico 2</b> - Estado Civil.....	28
<b>Gráfico 3</b> - Onde cursou o ensino médio.....	28
<b>Gráfico 4</b> - Ano de ingresso no curso de Pedagogia.....	29
<b>Gráfico 5</b> - Nível de instrução do pai.....	30
<b>Gráfico 6</b> - Nível de instrução da mãe.....	31
<b>Gráfico 7</b> - Mora com os pais.....	32
<b>Gráfico 8</b> - Situação econômica.....	33
<b>Gráfico 9</b> – Situação da Moradia.....	35
<b>Gráfico 10</b> - Meio de transporte utilizado.....	36
<b>Gráfico 11</b> - Qual metodologia lhe traz mais aprendizado?.....	38
<b>Gráfico 12</b> - Que tipo de professor você prefere.....	40
<b>Gráfico 13</b> - Participa de atividades extraclasse.....	41
<b>Gráfico 14</b> - Sua experiência profissional lhe auxilia no curso.....	42
<b>Gráfico 15</b> - Você acha que os conteúdos visto em sala de aula são passíveis de serem aplicados no seu trabalho?.....	43
<b>Gráfico 16</b> - Fatores externos desmotivam a continuar estudando?.....	44
<b>Gráfico 17</b> - A universidade pode auxiliar na superação dessas dificuldades?.....	45
<b>Gráfico 18</b> - Recebe orientação da universidade para auxiliar na construção da trajetória acadêmica?.....	47
<b>Gráfico 19</b> - Qualidade das informações sobre a oferta de Projetos 3 e 4.....	49
<b>Gráfico 20</b> - Oferta de horários dos projetos 3 e 4.....	50
<b>Gráfico 21</b> - Espaço dos Projetos 3 e 4 possibilita integração entre teoria e prática.....	51

## 1. MEMORIAL EDUCATIVO

Minha trajetória educacional se iniciou em Porto Alegre-RS, minha terra natal, numa escolinha que se chamava Carrossel e que ainda continua de portas abertas até hoje. Nessa escola, foi onde fiz a fase da pré-escola e todas as etapas que precedem a alfabetização. Sobre como eram as aulas e as professoras, me recordo que era um ambiente maravilhoso, onde se recebia muito carinho, amor e atenção por parte não só das professoras como de todos o(a)s funcionário(a)s do lugar. As aulas eram bem dinâmicas, interessantes, lúdicas, enfim, bem como devem ser as atividades pedagógicas dessa fase escolar.

Após eu concluir a pré-escola, antes de iniciar o meu processo de alfabetização, eu e minha família nos mudamos para a cidade de João Pessoa-PB. Fui alfabetizado numa escola que se chamava Gente Atual, que já encerrou suas atividades permanentemente. As recordações que tenho das aulas são de que eram bem práticas. Também tinha a parte mais teórica, mas, eram bem dinâmicas e lúdicas.

Depois de ter sido alfabetizado, continuei morando em João Pessoa-PB, mas, mudei de escola e fui estudar num colégio particular tradicional e histórico da cidade que se chamava Colégio Arquidiocesano Pio XII. Lá estudei desde a 1ª série (2º ano) até a conclusão do colegial.

A lembrança que tenho das aulas nas séries iniciais (da 1ª a 4ª série/ 2º ao 5º ano) era de que as aulas eram bem tradicionais, bem “bancárias”<sup>1</sup> mesmo. A professora usava constantemente o livro didático e passava os conteúdos no quadro para que nós copiássemos e fizéssemos as lições em casa. Passava ditados, exercícios, tudo muito estanque, sem fazer as conexões dos conteúdos com a realidade, com o dia-a-dia dos estudantes.

Esse *modus operandi* dos professores continuou a se repetir igualmente quando passei para a segunda etapa do ensino fundamental (da 5ª a 8ª série/ 6º ao 9º ano). As aulas também eram bem tradicionais, com o uso constante do livro didático por parte do professor, provas, trabalhos, tudo transmitido sem nenhuma preocupação se aquilo fazia algum significado para o aluno.

---

<sup>1</sup> Segundo a teoria de Paulo Freire, educação bancária seria aquela em que o professor seria como um depositante de conhecimentos e o aluno o receptor deste depósito: “Eis aí a concepção “bancária” de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, Paulo. 1993, p.58).

Ao chegar ao ensino médio a história foi a mesma já comentada acima, porém, além de continuar perdurando o estilo tradicional e sem sentido de ensino, houve constantes trocas de professores durante o ano letivo, o que fazia com que houvesse uma descontinuidade nos conteúdos e dificultava a compreensão, aumentando cada vez mais a desmotivação por parte do corpo discente.

Isso tudo que vivi durante grande parte da minha vivência escolar, fez com que eu não conseguisse fixar os conteúdos, tanto que se me for questionado algo sobre o que estudei naquela época, muitas coisas já não me recordo mais, inclusive tive grande dificuldade para ser aprovado no vestibular por causa dessa educação fraca que recebi da minha escola.

Após ter concluído o ensino médio, passou-se mais ou menos um ano e me mudei de cidade novamente. Juntamente com a minha família viemos morar na cidade de Brasília-DF, onde estamos até hoje.

Logo que cheguei aqui no cerrado, debrucei-me sobre os livros, visando continuar minha trajetória educacional, rumo ao ensino superior e iniciar minha trajetória profissional, conseguir meu primeiro emprego.

Depois de passar um ano tentando conseguir alguma ocupação para a minha vida, acabei passando em dois concursos, um para trabalhar na Caixa Econômica Federal e o outro para estudar na Escola Técnica de Brasília.

Fui chamado primeiramente para estudar na Escola Técnica de Brasília e lá permaneci durante um ano e meio. Quando ainda estava cursando o primeiro semestre, fui chamado também no concurso da Caixa Econômica Federal e foi nesse tempo que comecei a ter que lidar com algo que até então ainda não tinha me deparado em minha vida, a realidade de ser um estudante-trabalhador, situação que perdura até o presente momento.

Durante esse um ano e meio que cursei a escola técnica, vivenciei pela primeira vez, como já comentei, a experiência de ter uma jornada dupla, trabalhar durante o dia e estudar durante a noite. O fato de trabalhar durante o dia realmente fez com que a disposição para estudar fosse menor, pois, se quando eu apenas estudava já tinha certas dificuldades para me motivar, para me dedicar adequadamente a essa atividade, agora com mais uma atividade que consumia grande parte do meu dia, a vontade de estudar era menor. Para completar, o ensino na escola técnica, como o próprio nome sugere, era bem técnico mesmo, o que desmotivava a

me dedicar com mais afinco aos estudos, mas, mesmo assim, assumo também minha parcela de responsabilidade por não ter tido mais força de vontade para estudar.

Enfim, após um ano e meio de estudo na Escola Técnica de Brasília, considerei que o diploma técnico não iria me acrescentar de forma relevante, profissionalmente falando, já que não pretendia seguir a carreira técnica e eu já estava inserido no mercado de trabalho, logo, como eu estava cansado de ter que conciliar as atividades de estudo e trabalho, resolvi ficar apenas trabalhando. Fiz isso durante um semestre e, no semestre seguinte, decidi que eu entraria num cursinho pré-vestibular para tentar a tão sonhada vaga na UnB.

Então, no primeiro semestre de 2007, me matriculei no ALUB, cursinho pré-vestibular formado por estudantes universitários da UnB. As aulas que assisti lá, parte eram divertidas, dinâmicas, lúdicas, e parte eram bem conteudistas, o que é compreensível, pois, o objetivo do cursinho é a aprovação no vestibular.

Foi aí, que depois de cinco reprovações em vestibulares (nem todos foram no vestibular da UnB, duas tentativas foram para a UFPB, que era a universidade federal da localidade onde eu morava anteriormente conforme já comentei neste memorial), que finalmente consegui a tão sonhada vaga no ensino superior, quando ingressei no curso de pedagogia da UnB no segundo semestre de 2007.

Foi dentro da UnB que continuei minha trajetória como estudante-trabalhador. No início me surpreendi, no que diz respeito ao método de ensino, porque ao invés de apenas receber os conteúdos já prontos, de assistir passivamente a uma aula sem poder falar quase nada, era solicitado a me posicionar frente aos assuntos que eram abordados na sala de aula. Tudo fazia mais sentido, era mais crítico, mais próximo da realidade.

Porém, à medida que os semestres foram passando, e fui me tornando um sujeito mais crítico, comecei a perceber as falhas que existiam dentro da própria universidade e na realidade que me circundava tanto dentro quanto fora da universidade, algo que foi muito positivo para mim.

Dando continuidade a essa discussão sobre a minha formação acadêmica devo dizer que, por causa da concomitância entre ter que estudar e trabalhar, minha formação acadêmica ficou um pouco deficitária, pois muitas vezes tive que fazer escolhas baseadas nos horários que eu tinha disponíveis, em vez de poder talvez escolher algo que tivesse mais a ver com as

minhas vocações, os meus anseios e boa parte dessa impossibilidade também foi causada pela oferta de disciplinas insuficiente oferecida pela UnB.

Isto se refletiu no meu percurso dentro dos Projetos 3 e 4<sup>2</sup>. Fiz o Projeto 3 fase 1 em filosofia na escola, Projeto 3 fase 3 em economia solidária e Projeto 3 fase 2 na EJA – educação popular, onde prossegui até o Projeto 4 fase 2. No início, quando estava no Projeto 3, escolhi diferentes projetos, porque ainda estava indeciso qual área seguir. A partir do Projeto 3 fase 2, minhas possibilidades de escolha foram delimitadas pelo fato de que a maioria dos Projetos 3 e 4 ofertados pela FE são durante o dia, no período em que estou trabalhando.

Por esse motivo, decidi escrever meu TCC refletindo sobre como o fato de eu ser um estudante-trabalhador influenciou minha formação acadêmica como universitário, em que medida isso ajudou ou prejudicou, o que trouxe para minha constituição como ser humano. Como sei que não sou o único nessa situação, tenho curiosidade em descobrir como outros, que também vivem a mesma realidade, se posicionam sobre esse assunto.

---

<sup>2</sup> No currículo do curso Pedagogia da UnB, existe um conjunto de disciplinas denominadas de Projetos que vão de 1 ao 5 e cada um possui um objetivo distinto. No Projeto 1 o aluno é apresentado à UnB. No Projeto 2 o aluno é apresentado à Pedagogia. A partir do Projeto 3, que é composto de 3 fases, sendo duas fases obrigatórias para a conclusão do curso e uma optativa, inicia-se uma jornada onde o aluno escolhe em que área pretende se especializar e/ou pesquisar. O Projeto 4, que é composto de 2 fases, seria a fase do estágio supervisionado do curso de Pedagogia. Por fim, o Projeto 5 é o TCC do curso de Pedagogia, a fase onde o estudante elabora sua monografia.

## 2. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso foi fruto de uma vivência direta, uma vez que, da mesma forma que os sujeitos da pesquisa, sou um estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB, convivendo com a realidade de ter que conciliar estudo e trabalho durante a formação acadêmica e com as situações dela decorrentes que afetam o desempenho acadêmico.

Importante ressaltar que o conceito de “desempenho” utilizado no título e ao longo deste trabalho é o que consta no dicionário Aurélio: “[...] execução de um trabalho, atividade, empreendimento, etc., que exige competência e/ou eficiência [...] Atuação, comportamento [...]” (pág.556).

O trabalho está dividido em três partes que são: o contexto histórico do estudo e trabalho, o referencial teórico e a parte metodológica da pesquisa.

Na primeira parte, visto que o tema que abarca este trabalho de conclusão de curso é a educação e trabalho, estudou-se o conceito de trabalho, o conceito de educação e como estes se inter-relacionam e estão configurados dentro da sociedade atual.

Na segunda parte, o referencial teórico, reflexionou-se sobre o sujeito que é o objeto desta pesquisa: o estudante-trabalhador universitário do período noturno do curso de Pedagogia da UnB, qual o seu perfil, porque estuda e trabalha, o estudante perante a realidade, e seu desempenho acadêmico. Analisou-se também o contexto do curso noturno presencial de Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB, pois, é o lócus desta pesquisa.

Por fim, na terceira parte, foi feita uma pesquisa com o objetivo de verificar como as ideias exploradas no referencial teórico estão expostas na realidade, aprofundar o entendimento sobre o tema que está sendo estudado neste trabalho e possibilitar tirar algumas conclusões sobre o mesmo.

Conclui-se basicamente que apesar de ter que conciliar estudo e trabalho os sujeitos da pesquisa não estão atrasados em sua trajetória de conclusão do curso. As razões que levam o indivíduo, a ter que conciliar estudo e trabalho, são de ordem financeira. O que o aluno espera do professor é a compreensão da sua condição de estudante-trabalhador em vez da complacência. Por último, percebe-se que a orientação acadêmica, assim como a oferta de disciplinas e as informações acerca das disciplinas denomina das de Projetos 3 e 4 são deficitárias e necessitam melhorar para melhor atender ao estudante-trabalhador do noturno.

### 3. JUSTIFICATIVA

É cada vez mais comum que se encontre dentro do ensino superior brasileiro, estudantes que, não apenas se dedicam à sua formação acadêmica, como também já estão inseridos no mercado de trabalho.

Levando-se em conta esse vasto público de indivíduos na condição de estudantes-trabalhadores universitários, lembrando que o tempo dedicado ao trabalho, em grande parte das empresas, tanto públicas quanto privadas, costuma ser de 30 a 40 horas semanais e considerando o desgaste físico e psicológico envolvido nessa atividade, como será que o estudante-trabalhador faz para conciliar as duas grandes atividades que preenchem praticamente todo o tempo do seu dia?

Há ainda que considerar que um indivíduo na condição de jovem adulto necessita de horas de descanso, lazer, diversão. Caso contrário seu corpo sofrerá as consequências, o que se observa com frequência, dentro dessa população de estudantes-trabalhadores. Isto é corroborado pelo que coloca GUIMARÃES (2006) em sua dissertação de mestrado:

Concomitante à falta de tempo diretamente ligada aos estudos, é constante a queixa de falta de tempo para a obtenção das condições necessárias para o seu desenvolvimento, tanto físicas quanto psicológicas, falta de horas suficientes de sono, de descanso e de uma alimentação adequada, além das consequências da falta de convívio com a família. (p.99).

A mesma autora comenta que, além das horas despendidas entre trabalho e estudo, os estudantes normalmente gastam muito tempo com os deslocamentos de um local para outro, restando pouco tempo para família, descanso e lazer. Somam-se a isso as demandas dos ambientes de família, estudo e trabalho o que gera um grande estresse físico, mental e emocional para os estudantes-trabalhadores.

Convém refletir também como o estudante organiza sua grade horária para atender as demandas do curso e do trabalho. Será que muitos não se evadem quando percebem que não vão dar conta de manter as duas atividades? Será que esses estudantes não demoram mais para se formar do que os que estão apenas estudando? Será que não terminam por se limitar dentro daquilo que almejam para sua formação devido à falta de oferta de matérias? Como será que fica a qualidade de sua formação?

Segundo REGINATO (2010):



A busca de estratégias pelos alunos trabalhadores tentando conciliar o ensino no período noturno e o trabalho no período diurno para enfrentarem o processo de precarização do trabalho e da vida decorrentes das mudanças do sistema capitalista e o confronto entre experiência e conhecimento enunciam a necessidade de uma reflexão mais aprofundada da gestão do processo de ensino e aprendizagem no âmbito dos cursos de graduação. (p.20).

Por fim, esse trabalho objetiva analisar quais as estratégias que o estudante-trabalhador universitário utiliza para conciliar o estudo com o trabalho, quais os fatores que influenciam no seu desempenho acadêmico e expor alguns problemas que podem ocorrer durante o processo de formação universitária, tais como evasões, conclusão tardia, formação deficitária e outros.

#### 4. CONTEXTO HISTÓRICO DO ESTUDO E TRABALHO

Para entendermos de forma mais completa, as questões que envolvem a análise sobre o sujeito que estuda e trabalha, é relevante refletirmos sobre o contexto que envolve esse indivíduo e sobre o tema que abarca essa monografia. Conforme comenta GUIMARAES (2006): “Investigar a realidade dos indivíduos que estudam e trabalham ao mesmo tempo, requer maior entendimento da configuração do mundo atual, do momento histórico vivido e do reflexo destas transformações para o trabalho e para suas relações com os processos educativos.” (p.18).

Sobre esse universo da educação e trabalho podem-se levantar algumas questões: qual o significado de trabalho? E de educação? Como esses elementos se inter-relacionam?

##### 4.1 Conceito de trabalho

O conceito de trabalho, para KARL MARX apud GUIMARÃES (2006) seria:

O trabalho é sobretudo, um fenômeno que une o homem e natureza. Um fenômeno no qual o homem adapta, dirige e controla a troca de matéria que faz com a natureza. Age perante a matéria natural como uma força natural. As forças naturais que pertencem ao seu corpo, os seus braços e as suas pernas, a sua cabeça e as suas mãos, movimenta-se para se apropriar da matéria natural sob uma forma que possa servir a sua própria vida. Agindo sobre a natureza que lhe é exterior através desse movimento e transformando-a, transforma também sua própria natureza (KARL MARX,1977, p.197 apud GUIMARÃES, 2006, p.19).

Complementado essa ideia da união entre homem e natureza, CASTANHO (1989) diz:

A atividade do trabalho é a base radical da vida humana, não se confundindo com função tarefa, destreza ou ofício, embora também abarque tais aspectos. A afirmação do trabalho como base radical da vida humana se esclarece se atentarmos para a pluridimensionalidade de nosso ser. Ser em processo, que se constrói vivendo e fazendo, ser global, portanto, social, político, cultural, estético, físico. É trabalhando, pondo a natureza a seu serviço, que os homens desenvolvem sua cultura material e espiritual – aí está a base da vida humana.[...] (p.19).

Percebe-se, a partir destas colocações, que o trabalho é uma atividade muito mais complexa do que se imagina; vai muito além da parte física e mecânica. Porém o capitalismo

acaba por intervir de forma a reduzir o trabalho a uma mera questão de sobrevivência conforme comenta GUIMARÃES (2006):

O trabalho está intimamente ligado à questão da sobrevivência. No entanto, causa estranhamento a forma como a humanidade vem conduzindo essa busca pela sobrevivência. O que se presencia na sociedade atual, regida pelo capitalismo, é a perda da identidade entre o indivíduo e o gênero humano. O “desenvolvimento”, que prometia amplas possibilidades para a humanidade, levou a níveis de produção capazes de mantê-la, mas a grande maioria da população mundial encontra-se excluída dos benefícios alcançados. No mundo do trabalho verifica-se que aquilo que se produz, está alheio e estranho aos seus próprios produtores, os trabalhadores. Estes se restringem a apenas uma necessidade, a sobrevivência.(p.19).

Ou seja, o capitalismo não só extrai do trabalhador a “mais-valia”, como também impede que o indivíduo tenha um desenvolvimento mais pleno, não só materialmente, como também no nível intelectual, criando uma dicotomia entre saber e trabalho, entre trabalho braçal e trabalho intelectual. CASTANHO (1989) traz um comentário que ajuda a aclarar essa questão:

É através do trabalho que o homem conhece e produz o mundo, que produz o seu existir em todas as dimensões (física, psíquica, material e imaterial, objetiva e subjetiva). O trabalho é a principal atividade existencial do homem, e, portanto, não faz sentido dicotomizar trabalho intelectual x trabalho manual, saber erudito x saber popular, ciência x tecnologia, necessidade x liberdade, divisão x execução, teoria x prática, individual x social. O mundo do trabalho é uma relação fundamental, abarcando todo o conjunto de relações produtivas, culturais, lúdicas. Não é, como Marx observou contestando Fourier, a simples brincadeira, o mero divertimento. O trabalho livre é, ao mesmo tempo, terrivelmente sério, constitui o esforço mais intenso. (pág.21).

Conclui-se, então, que o trabalho traz consigo um elemento “educativo”, ou seja, é possível aprender através do trabalho. Porém o capitalismo tem renegado esse fator e dicotomiza os elementos educação e trabalho como se fossem coisas independentes sem qualquer relação entre si.

## **4.2 Conceito de educação**

Segundo o dicionário Aurélio educação seria: “[...] Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando sua melhor integração individual e social [...]” (pág.619).

Porém, o que se percebe dentro do campo educacional, é uma separação entre educação e saber, conforme comenta CHAUI apud SPOSITO (1989):

Desvinculando educação e saber, a reforma da universidade revela que sua tarefa não é a da produção e transmissão da cultura (dominante ou não, pouco importa), mas o *treinamento dos indivíduos*, a fim de que sejam produtivos para quem for contratá-los. A universidade adentra mão-de-obra e fornece força de trabalho. (págs. 16/17).

Dentro dessa divisão, entre diferentes tipos de conhecimento, ocorre também uma separação de classes dentro do sistema de ensino, de maneira que alguns receberão o conhecimento cultural, privilegiado, elitizado, enquanto outros receberão um conhecimento técnico, descontextualizado, a fim de servirem de operários que serão comandados pela elite cultural, conforme comenta GUIMARÃES (2006):

A sociedade capitalista generalizou a escolaridade básica e sobre esta escolarização, refaz a distinção entre a escolaridade de elite que forma para a intelectualidade e a escolaridade popular, que quando tem continuidade limita-se a determinadas habilidades profissionais. (pág. 30).

Essa divisão entre escola de elite e escola popular gera o esforço para ascensão social, segundo CASTANHO (1989):

O indivíduo não se percebe como um ser interiormente vivo, concentrado no esforço de amadurecer, enriquecer-se e ligar-se à realidade criativamente, mas como algo inerte cujo único esforço é subir na escala social. Torna-se adaptado a uma relação interindividual egoísta, competitiva e mercantilista. (pág. 29).

Ou seja, a escola segue os interesses do sistema capitalista que não seria o de privar a população do conhecimento e sim, manipular a massa e inculcar na sociedade as ideias que melhor convirem para a boa manutenção e funcionamento da estrutura montada pelo sistema, conforme comenta GUIMARÃES (2006):

Ao conceber ciência como potência material, o saber passa a ser um meio de produção e sendo a sociedade capitalista baseada na propriedade privada dos meios de produção, este deveria permanecer na classe dominante, pois, conforme afirmava Bacon: “saber é poder”. Neste sentido, ao mesmo tempo em que educar o trabalhador era necessário para que ele vivesse em sociedade e se inserisse no processo produtivo, não era de interesse da ordem capitalista que ele tivesse mais do que o mínimo necessário à manutenção dessa ordem. Essa preocupação traduz-se

bem na famosa frase atribuída ao teórico da economia política, Adam Smith: “instrução para os trabalhadores, porém, em doses homeopáticas”. (pág. 31).

### **4.3 Educação e sua relação com o trabalho**

A educação deve formar para o trabalho, mas, não para a subordinação social, GUIMARÃES (2006) comenta que:

Reconhecer no trabalho o princípio educativo do sistema de ensino e estar ciente das qualificações necessárias para o trabalhador atual, não significa que se deve subordinar a educação escolar aos ditames do sistema capitalista de produção, numa posição de mera adaptação a este sistema. (pág. 33).

Ou seja, é importante que a educação forneça os conhecimentos técnicos necessários para que o indivíduo possa ser um profissional competente, que irá ser capaz de executar as atividades inerentes a determinado trabalho utilizando o saber aprendido no ambiente de ensino, porém o aspecto crítico não pode ser deixado de lado.

CASTANHO (1989) diz que:

[...] o ensino na universidade, deve educar profissionalmente o indivíduo para uma inserção competente ao nível do seu conhecimento, no contexto social, sem perder de vista a necessidade de transformação da sociedade, assumindo essa transformação, vendo-a como processo dinâmico e histórico e na qual se coloca como um dos protagonistas. (pág. 36).

É necessário que se crie um modelo de ensino que busque uma formação completa para o estudante, de maneira que o mesmo esteja consciente do cenário em que está inserido (que é o de dominação, manipulação) para que possa modificar e atuar de modo a mudar essa realidade.

TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009) corroboram essa afirmação quando dizem que:

Sabe-se da importância que o curso superior tem na formação profissional do jovem; no entanto, a formação do homem, do cidadão, do ser pensante, nas dimensões econômica, social, política e cultural, conforme Coelho (1998), também devem ser contempladas. A posição de Coelho é reforçada por Furlani (1998) quando ressalta que a educação deve abranger não somente a formação profissional do estudante, mas sobretudo, a formação geral e humanista do cidadão dotada de visão crítica da sociedade, que significa formar o aspecto ético, ou seja, a possibilidade de ampliar

essa preparação de recursos humanos capacitados profissionalmente para agentes de transformação social. Pode-se concluir que as afirmações de Coelho (1998) e Furlani (1998) destacam o papel da universidade na formação do ser pensante: ético, crítico, voltado ao saber e à pesquisa, que além da formação profissional do cidadão deve prepará-lo como agente de mudanças na sociedade. (pág. 43).

Com tudo isso, percebe-se que a educação deve formar para a transformação e não para a subordinação e que além de fornecer os conhecimentos técnicos necessários para que o indivíduo possa ser um profissional competente, deve também estimular o desenvolvimento de uma consciência crítica permitindo que o sujeito possa se tornar um agente transformador da realidade.

## 5. PERFIL DO ESTUDANTE-TRABALHADOR UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO DO NOTURNO

### 5.1 Dados estatísticos

As pesquisas caracterizam o estudante-trabalhador segundo: idade, sexo, estado civil, origem escolar pré-universitária, escolaridade dos pais, renda familiar e individual, jornada de trabalho semanal, etc.(GUIMARÃES (2006), CARDOSO; SAMPAIO (Sem Data), CASTANHO (1989), SPOSITO (1989) e TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009)).

Sobre a idade, os sujeitos teriam entre 18 e 25 anos de idade, o que nos permite concluir que não houve grande atraso escolar por parte dos estudantes em sua trajetória pré-universitária, além de quebrar um possível paradigma existente de que o aluno do curso superior noturno teria uma idade mais avançada do que o aluno do turno diurno conforme comenta CASTANHO (1989, p.62).

Com relação ao sexo, as mulheres predominam em quantidade, porém a diferença é pequena, por volta dos 5% pontos percentuais, sendo que na pesquisa realizada por CASTANHO (1989, p.63) foi identificado que dependendo da área de conhecimento, têm-se mais mulheres ou mais homens. Nas áreas de Ciências Humanas e Biológicas a maioria são mulheres; já na área de Ciências Exatas, a maioria é constituída por homens.

No tocante ao estado civil, os alunos são solteiros, mas existem, ainda que em menor número, uma quantidade de estudantes que são casados.

Referente à origem escolar pré-universitária, os estudantes provém de escolas públicas, sendo que existe também uma parcela significativa proveniente da rede particular de ensino.

A escolaridade dos pais dos alunos das pesquisas é de nível fundamental completo/incompleto.

Além disso, sobre essa questão do nível de instrução dos pais, CARDOSO; SAMPAIO (Sem Data) defendem que:” Conforme aumenta a escolaridade tanto do pai como da mãe, diminui o percentual de estudantes que trabalham”, e ainda: "89,1% dos estudantes com pais analfabetos ou semi-alfabetizados trabalham". As autoras explicam que, no caso dos pais com formação mais elevada: ”parece sugerir uma supervalorização, por parte desses pais, de uma formação universitária, em que se considera a graduação como insuficiente para a vida profissional”. Já no caso dos estudantes que tem pais com a instrução mais baixa e que

são compostos pela maioria da pesquisa, grande parte trabalha, o que levanta a hipótese de que uma das motivações pela busca do curso superior seria o desejo de ascender socialmente.

A renda familiar dos alunos gira em torno de dois a cinco salários mínimos. Já a renda individual dos estudantes varia de um e meio a cinco salários mínimos. As ocupações dos estudantes apresentam uma variação: alguns são estagiários, outros trabalham no setor terciário (comércio) e outros possuem outras ocupações assalariadas. Raros são os estudantes que trabalham como autônomos.

Outro fator a se destacar sobre a questão da renda é a participação do estudante-trabalhador na renda familiar. Segundo FURLANI (1998) *apud* GUIMARÃES (2006), existem três tipos de perfis de contribuição: “*o estudante em tempo integral, o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante*”. (p.67)

*O estudante em tempo integral* é mantido totalmente pela família, podendo dedicar-se somente ao estudo, seja ele cursado no período diurno, integral ou noturno. [...]

*O estudante-trabalhador* ou, literalmente, o estudante que trabalha, continua sendo em parte mantido pela família.

*O trabalhador-estudante* diferencia-se do anterior por não depender financeiramente da família, mas, pelo contrário, colaborar para o orçamento doméstico. (FURLANI, 1998, P.41 *apud* GUIMARÃES 2006).

Desses três perfis os que mais se destacaram foram os de trabalhador-estudante e o de estudante-trabalhador, ou seja, de acordo com as pesquisas, são poucos os estudantes que se dedicam exclusivamente ao estudo.

Um fator de grande importância para a composição do perfil do estudante-trabalhador, ressaltado por CASTANHO (1989) e TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009), diz respeito à quantidade de horas semanais que compõe a jornada de trabalho dos alunos que, na média, gira em torno de 40 horas semanais ou mais.

Outras características tais como: moradia, transporte utilizado para o trajeto até a faculdade, turno cursado durante o ensino médio, sexo e trabalho, trabalhadores e instituição, turno do curso, área de conhecimento escolhida, etc., também foram utilizadas para complementar o estudo sobre o perfil do estudante-trabalhador universitário.

Na pesquisa de GUIMARÃES (2006), sobre a condição da moradia, comenta-se que as famílias dos estudantes possuem casa própria, o transporte utilizado para o deslocamento



até a universidade é o ônibus e o turno cursado durante o ensino médio foi o noturno (sendo que nessa época os sujeitos já estavam trabalhando) o que, nas palavras da própria autora, evidencia: "o precoce envolvimento destes jovens com o mundo do trabalho" (p.83).

Já CARDOSO; SAMPAIO (Sem Data) destacam em sua pesquisa a comparação entre sexo e trabalho do aluno. Entre as mulheres, 51% trabalham enquanto que 49% apenas estudam. Entre os homens, 59% trabalham enquanto que 41% se dedicam apenas ao estudo. Isso demonstra que, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, a maioria dos estudantes trabalha, porém, a quantidade de estudantes-trabalhadores do sexo masculino é maior do que a do sexo feminino.

O turno escolhido pela maioria dos alunos-trabalhadores é o noturno, o que confirma a hipótese de que a demanda de trabalho diária, que preenche todo o período diurno, obriga o aluno a destinar para o estudo, o único horário que resta do seu dia que é o período da noite.

A área de conhecimento escolhida por grande parte dos trabalhadores é a de Ciências Humanas, seguido pela de Exatas e, por último, a área de Ciências Biológicas e Saúde. As autoras comentam que essa escolha é condicionada pela oferta dos cursos, visto que na área de Saúde, por exemplo, em muitos casos, o curso só é lecionado no período integral, o que o torna inviável para um indivíduo que já trabalha o dia todo. Outro fator também apontado pelas autoras é a própria demanda do curso, pois alguns cursos exigem uma dedicação maior de estudo por parte do aluno, o que faz com que sejam menos procurados, motivo pelo qual os cursos da área de Saúde, na escala de preferência, perderam lugar para os da área de Humanas.

CASTANHO (1989) faz uma análise entre o sexo e a área de conhecimento escolhida, concluindo que na área de Ciências Humanas e Biológicas a maioria dos estudantes são mulheres; já nas Exatas, percebe-se o contrário: a maioria é composta por homens.

## **5.2 Porque estudar e trabalhar?**

Se estudar e trabalhar é tão desgastante, e se considerarmos que o indivíduo já tem um trabalho que lhe possibilita o sustento, ainda que precariamente, o que leva o sujeito a querer buscar um diploma de nível superior? Por outro lado, se o sujeito já está estudando, o que o leva ao mercado de trabalho? Enfim, o que leva o estudante a ter que conciliar essas duas atividades?

Segundo SPOSITO (1989):

Há o desejo de mudar e a consciência da realidade. Assim, ambos os sentimentos coexistem e, até que ocorra uma possibilidade concreta de mudança, o trabalho fica de certa forma “preservado, poupado”, porque representa a própria condição de sobrevivência e a possibilidade de estudar desse trabalhador. (pág. 37).

Ou seja, o sujeito procura a universidade desejando melhorar dentro do seu trabalho, conseguir uma melhora de salário, de ocupação. Por outro lado, devido ao crescente desemprego que se observa na sociedade, o estudante não quer perder a fonte de renda necessária para custear suas despesas pessoais e/ou da família, portanto, continua trabalhando durante o curso superior.

Sobre a necessidade do sujeito de ter uma renda para poder prosseguir estudando, TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009) comentando sobre GONÇALVES (1987) dizem que houve uma inversão de papéis entre a relação de estudo e trabalho: onde antes, primeiro se estudava para depois ingressar no mercado de trabalho, agora o sujeito necessita se inserir no mercado de trabalho para poder cursar o ensino superior.

GONÇALVES (1987) apud TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009) diz:

Se em condições normais, o estudo deveria preceder ao trabalho, de modo que, somente após completada a formação escolar e profissional, o estudante passasse a exercer a atividade profissional, a realidade dos fatos, emergente das condições sócio-econômicas, reúne frequentemente, na pessoa do trabalhador, a dupla condição de empregado e estudante. Inverteram-se de há muito, os termos da proposição; em lugar de estudar para poder trabalhar, trabalha-se para poder estudar (GONÇALVES, 1987, p.11 apud TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009) p.45).

CASTANHO; SAMPAIO (Sem Data) reforçam essa ideia da necessidade do estudante ter uma renda para poder continuar os estudos. Em sua pesquisa, foi feita uma comparação entre os trabalhadores que cursam faculdades públicas e os que cursam faculdades particulares. Identificou-se que no ensino privado a quantidade de pessoas que trabalham é maior, o que comprova que, sem uma remuneração, o aluno não tem condições de pagar as mensalidades cobradas pela faculdade privada.

Outra razão que leva o trabalhador à busca pelo ensino superior seria o desejo de melhorar profissionalmente, não só para ascender socialmente e no mercado de trabalho, como também obter conhecimentos que permitam ao sujeito ser um profissional mais

competente, ter um nível melhor de compreensão do seu trabalho e também se tornar um indivíduo mais culto.

Segundo SPOSITO (1989):

O que realmente recebe este aluno no contato com as atividades escolares na faculdade? Por certo, ele acaba por encontrar no âmbito dessa prática, caracterizada pela resistência a um aprofundamento do estudo e pelo consumo da cultura, um desenvolvimento de determinadas habilidades que o socializam melhor para enfrentar as necessidades impostas pelo mundo do trabalho. Independentemente do tipo de carreira escolhida e da competência específica que essa profissão deve lhe dar, o aluno melhora a sua capacidade de expressão oral porque aprende a falar em grupos pequenos e grandes, é chamado a participar de debates, aprende a expor ideias, melhora ainda que precariamente, seu desempenho escrito. Poderíamos dizer que há uma função socializadora no ensino superior noturno que habilita este aluno para o mercado de trabalho, no setor terciário onde, mais que a competência técnica na estrutura ocupacional, qualidades como habilidade de expressão oral e escrita, um certo grau de iniciativa e independência, boa leitura, facilidade de relacionamento, enfim, qualidades que acabam por ser adquiridas na prática da vida universitária, fora e dentro da sala de aula, que independem muitas vezes do conteúdo específico da aprendizagem e que acabem por satisfazê-lo diante de suas expectativas fragmentadas. (pág. 109).

Enfim, percebe-se que diversas são as razões que levam o estudante-trabalhador a conciliar o estudo e o trabalho durante sua formação universitária. Reflexionar sobre elas nos permite entender melhor quem é esse sujeito e o que busca no ensino superior.

### **5.3 O estudante e a realidade**

O estudante-trabalhador noturno é um sujeito com determinadas características advindas de sua vivência diferenciada por ter que conciliar duas atividades que demandam uma quantidade de energia física e psicológica, diferente de outro indivíduo que está na universidade apenas como estudante. Por causa dessa condição particular, o estudante-trabalhador requer uma forma de tratamento adequada à sua condição de vida, até porque essa vivência traz também não só desgaste, mas também faz com que esse indivíduo tenha uma mentalidade mais madura perante a sua realidade.

Apesar de dedicar várias horas diárias ao seu trabalho, ter um grande desgaste físico e psicológico despendido durante esse processo e ainda ter que buscar disposição e motivação para frequentar a faculdade durante a noite, ele não espera que o professor seja complacente com a sua condição, ou exija menos por se solidarizar com o seu esforço e sua luta.

Segundo Castanho (1989):

Uma das constatações desde o início do trabalho que mais chamaram a atenção foi a de que os sujeitos pesquisados não se percebem como vítimas mas sim como pessoas lesadas em seu direito de aprender por terem recebido um ensino questionável. Locomovem-se com muita dignidade na sua condição de trabalhadores-estudantes e não aceitam atitudes de complacência. Lutam e querem se impor. (p.61).

GUIMARÃES (2006) segue uma linha de raciocínio semelhante, e ainda comenta que essa “pena” que o professor sente para com a realidade do estudante-trabalhador pode levar a uma discriminação que é prejudicial para o processo de ensino-aprendizagem do mesmo. Na sua tese ela comenta:

A condescendência do professor, diante das dificuldades do trabalhador-estudante, pode levar à discriminação, em contrapartida, defender que estes estudantes devem ter o mesmo tratamento daqueles que possuem total disponibilidade para os estudos, sob uma pretensa promoção de qualidade para todos, é assumir uma ideologia liberal, oferecendo tratamento igual para realidades muito distintas, deixando para os estudantes toda a responsabilidade sobre seu próprio sucesso. (p.64).

Ao invés disso, o que os estudantes-trabalhadores reivindicam é um ensino de melhor qualidade, que leve em conta sua realidade, sua história, sua experiência de vida, pois, alguém que já está inserido no mercado de trabalho, de forma alguma pode ser tratado como *tabula rasa*, já que o ambiente de trabalho traz vários ensinamentos e auxilia na constituição do indivíduo.

Seguindo essa linha de pensamento, CASTANHO (1989) comenta:

Se o verbalismo se caracteriza pelo não-desvelamento do real, se a realidade maior do aluno do noturno é sua experiência no mundo do trabalho, e se essa realidade não é usada como matéria-prima, como princípio curricular, estamos diante da prática de um mecanismo na sala de aula que deve levar-nos a uma reflexão metodológica rigorosa. (pág.73).

Logo, percebe-se que é preciso desenvolver uma metodologia adequada à realidade deste aluno. Neste sentido, procurando conciliar tanto a ideia da realidade do aluno, como todo o cansaço e dificuldades enfrentadas no dia-a-dia e considerando a experiência vivida, a conclusão de TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009) nos auxilia a avançar na compreensão de como atender a demanda desses alunos-trabalhadores:

Os resultados de pesquisas realizadas por Terribili Filho e Raphael (2005a,p.133) indicam que os estudantes do ensino noturno reclamam quanto às aulas expositivas

passivas que são centradas no professor e apresentam exclusivamente teorias e conceitos, pois em geral, durante as aulas noturnas, o aluno já está com pouca disposição física e reduzido nível de motivação. Dezenas de respondentes da referida pesquisa recomendaram que as aulas fossem mais dinâmicas, interativas com discussões em grupos, debates e jogos, caracterizando o ensino como um processo dinâmico, atualizado, criativo e que integrasse, sempre que possível, a teoria à prática vivenciada no dia a dia pelos alunos. (p.101).

Portanto, levando-se em conta os pontos acima destacados, quais sejam: a especificidade da condição do estudante-trabalhador, a luta pela compreensão em vez da complacência e a possibilidade de se utilizar da vivência do aluno para melhoria das metodologias, estes elementos devem ser levados em conta no momento de se pensar como o curso está atendendo a estas demandas, o que se pode fazer para melhorar a forma como ele está sendo ofertado ao estudante-trabalhador.

## 6. DESEMPENHO ACADÊMICO

A demanda de trabalho, que varia em torno de 30 a 40 horas semanais, faz com que o estudante- trabalhador, não tenha a possibilidade de aproveitar o curso da mesma forma que um indivíduo que esteja apenas estudando, conforme comenta TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009):

Ainda quanto à condição de trabalho, vale destacar que 84% dos que trabalham, têm uma atividade profissional de 30 horas semanais ou mais. Desta forma, esse estudante raramente pode participar de atividades de pesquisa e extensão, pois há pouca disponibilidade para outras atividades, além daquelas relacionadas ao trabalho e às aulas. (pág. 54).

Apesar do tempo reduzido para se dedicar aos estudos, o estudante-trabalhador acaba por se tornar um indivíduo mais motivado e comprometido com a sua aprendizagem.

GUIMARÃES (2006) identificou em sua pesquisa que:

Outros fatores menos apontados, mas não menos relevantes, referem-se a fatores como a auto-estima resultante da capacidade de superar os desafios impostos pelo fato de estudarem e trabalharem ao mesmo tempo e um maior comprometimento com os estudos, em decorrência da consciência e responsabilidade adquiridas com esta vivência. (pág. 102).

Devido a essa dedicação aos estudos, o estudante-trabalhador noturno acaba por criar uma consciência crítica e reflexiva sobre o ensino que recebe, preocupando-se que o mesmo não seja desperdiçado, que o pouco tempo que tem para o estudo, lhe seja útil para o seu desempenho no trabalho.

Pensando nisso, como será que a relação entre teoria e prática é vista/vivenciada pelos estudantes-trabalhadores? Como será que o conteúdo visto em sala de aula é vivenciado na prática?

A pesquisa de CASTANHO (1989) identificou que a ligação entre a experiência que o estudante-trabalhador já possui e o que é ensinado na universidade é feita de forma precária. Nas palavras da autora:

Não vão além dos dados da realidade em que vivem, o que leva a supor que a ligação teoria-prática pretendida seja imediatista. Em nenhum depoimento pôde ser notada a possibilidade de o trabalho ser entendido numa nova dimensão, na dimensão humana discutida anteriormente. O máximo que se luta é por um curso

voltado para a prática, o que supostamente evitaria a insegurança profissional. (pág. 81).

SPOSITO (1989) segue uma linha de raciocínio semelhante, analisando que esse distanciamento entre o que o aluno estuda e o que ele vivencia no trabalho faz com que o sujeito se desmotive, se frustre:

O aluno sente-se tão distante do universo do conhecimento proposto para sua aprendizagem que ele não vê sentido no conteúdo das disciplinas. Frustra-se porque, imbuído de uma visão pragmática e utilitarista, acredita ter sentido estudar só aquilo que supostamente seria aplicável. (pág. 106).

Já TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009) fazem uma análise sobre outros fatores que influenciam o desempenho acadêmico do estudante-trabalhador.

Segundo eles:

[...] Os atrasos e faltas provocam perda de aulas, quebra nos seus estímulos educacionais, perda de participação em seminários, perda de provas podendo comprometer o interesse e a motivação do aluno no processo ensino-aprendizagem, e a conseqüente interrupção na construção de saberes, e por vezes, a reprovação de semestre ou ano letivo. (pág. 56).

Num primeiro momento poderia se pensar que os problemas citados acima, são responsabilidade exclusiva do estudante, que a universidade não teria como intervir na resolução dos mesmos ou que foge à sua jurisdição, porém, como bem ressaltam os mesmos autores:

[...] identificar as necessidades cotidianas do estudante do ensino superior noturno e conhecer suas inter-relações com os ambientes (sobretudo os externos à instituição de ensino) tornam-se relevantes, à medida que se visa uma formação educacional de alta qualidade e o bem estar do estudante, que pode ser traduzido em qualidade de vida. (pág. 60).

Portanto, é relevante que se reflita sobre essa realidade do estudante-trabalhador: o que ele traz para a sala de aula, sua história e as dificuldades que influenciam o seu desempenho acadêmico. Esses elementos possibilitarão a elaboração de uma intervenção pedagógica mais efetiva e completa que irá permitir que a formação universitária do sujeito seja mais proveitosa.

## 7. CONTEXTO DO CURSO NOTURNO PRESENCIAL DE PEDAGOGIA DA FE

Em consulta ao Projeto Acadêmico do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (2002), percebe-se que existe uma consciência da necessidade de que a formação universitária do estudante, conforme já foi mencionado anteriormente neste trabalho, não seja puramente técnica e sim, que também se oferte ao estudante uma formação crítica, capaz de tornar o sujeito um agente transformador da realidade que o circunda:

O Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia deve contribuir para tornar realidade a missão da Faculdade de Educação, missão esta entendida como a de formar educadores capazes de intervir na realidade, através de uma atuação profissional crítica, contextualizada, criativa, ética, coerente e eficaz, buscando a plena realização individual e coletiva. Esta atuação deve, complementarmente, estar comprometida com um projeto de sociedade autônoma, solidária e democrática. (sem numeração de página).

Para cumprir esse objetivo o projeto é estruturado visando três aspectos fundamentais conforme segue:

A composição do projeto de formação tem três pólos bem demarcados e demarcáveis: 1) o polo da práxis, com a vivência da prática educativa na sua concretude, alimentada sobretudo pelos projetos; 2) o polo da formação pedagógica, constituído pelos estudos de Linguagem, Matemática, Ciências Naturais e Ciências Sociais, bem como Arte-Educação, Organização do Trabalho Docente, Processo de Alfabetização e Processos De Administração da Educação, permitindo o exercício das funções docentes em início de escolarização de crianças, jovens e adultos; 3) o pólo das Ciências da Educação, que oferecem os marcos teórico-conceituais mais amplos, indispensáveis para interpretação e a elucidação das práticas educativas (pedagógicas e/ou gerenciais).(sem numeração de página).

Sobre a questão dos projetos que é o espaço onde o aluno vivencia a prática da teoria vista em outros espaços durante o curso e também são:

[...] atividades orientadas, de observação, de regência, de investigação, de extensão, de busca bibliográfica, e tendo como referencial a vida concreta das organizações onde os fatos e as situações educativas acontecem, seja em unidades escolares, seja em programas de formação nas mais diferentes organizações. (sem numeração de página).



Esse elemento curricular é o centro da crítica deste presente trabalho, pois, o mesmo tem em sua elaboração, ideias importantes e que condizem com o objetivo da formação, porém na prática, a sua oferta, tanto em quantidade quanto na forma, tem sido precária.

Essa crítica quanto à oferta, tanto na forma quanto em quantidade também foi corroborada no I Encontro da Comunidade da Faculdade de Educação da UnB ocorrido em maio de 2011, conforme citado em seu relatório síntese:

Há falta de integração entre os Projetos 3 e 4. Falta de oferta de Projeto 3 na grade horária e falta de flexibilidade na oferta de Projeto 3, com isso aumenta o grau de dificuldade para que o estudante possa fazer um estágio de modo que possa integrar conhecimentos teóricos com a vivência do campo empírico. (pág. 8/9).

Além disso, o texto também comenta que:

O planejamento dos estágios é descentralizado e muitas vezes personalizado pelo professor. A FE não participa da articulação desses projetos que se tornam projetos dos professores e não da FE. O resultado é que nem sempre o estágio direciona para a atuação que o pedagogo necessita. Uma problemática recorrente é a centralização de uma pesquisa na figura de um professor. Isso dificulta a continuidade do trabalho do estagiário quando este mesmo professor se ausenta por algum motivo: aposentadoria, doença, licença capacitação etc. Então, o aluno fica perdido na sua caminhada nos projetos tendo que improvisar, ou encontrar qualquer projeto, ou professor que o aceite para que possa terminar o curso. (pág. 9).

Ou seja, o objetivo do levantamento da crítica é o seguinte: se para um aluno que não trabalha, já é difícil fazer um percurso proveitoso dentro dos projetos 3 e 4, imagine para um estudante-trabalhador, que só tem o horário noturno disponível para o estudo?

Esse é o centro da discussão do presente trabalho, pois, diante da realidade da precária oferta de Projetos 3 e 4 dentro da Faculdade de Educação, o que ocorre é que, o estudante-trabalhador é obrigado a cursar os Projetos de acordo com o horário e a improvisação. Com isso, o estudante-trabalhador passa a visar preponderantemente à obtenção do diploma para competir no disputadíssimo mercado de trabalho, o que pode acabar prejudicando a qualidade de sua formação que ficaria deficitária e pouco proveitosa.

Além disso, essa falta de oferta também ocorre com as disciplinas tanto optativas quando obrigatórias, fazendo com que ocorra a mesma situação mencionada acima: o

estudante-trabalhador noturno acaba por fazer suas escolhas visando à necessidade de obter o diploma e a qualidade da formação acaba ficando em segundo plano.

Tendo em vista o tudo o que foi exposto, uma dúvida permanece: como propiciar, ao estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da FE, uma formação completa, capaz de desenvolver uma consciência crítica no futuro pedagogo para que possa atuar como um agente transformador da realidade?

## 8. METODOLOGIA

### 8.1 Objetivo geral

O objetivo principal desta pesquisa é identificar como o fato de o indivíduo ser estudante-trabalhador influencia no seu desempenho acadêmico no curso noturno de Pedagogia da UnB.

### 8.2 Objetivos específicos

Visando compreender melhor o estudante-trabalhador, do curso noturno de Pedagogia da UnB, a pesquisa pretende:

- Analisar a realidade do estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB
- Apontar se a concomitância das duas atividades afeta as escolhas efetuadas pelo estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB
- Identificar fatores que influenciam no desempenho acadêmico do estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB

### 8.3 Procedimentos metodológicos

Para a pesquisa de campo foi utilizado um questionário contendo questões com enfoque tanto quantitativo quanto qualitativo visto que ambos se complementam. O enfoque quantitativo traz dados mais estatísticos e lança/confirma hipóteses. Já o enfoque qualitativo auxilia no aprofundamento das questões advindas do método quantitativo, trazendo uma melhor compreensão do objeto de pesquisa que está sendo estudado.

A razão da escolha do questionário se deve ao fato de que o mesmo possui inúmeras vantagens como método de coleta de dados. MARCONI; LAKATOS (2010) em sua obra intitulada: “Fundamentos da Metodologia Científica”, citam várias vantagens da utilização deste instrumento de pesquisa. Entre elas as que mais influenciaram nesta pesquisa foram: a economia de tempo, o fato de poder atingir um número maior de pessoas e de se obter respostas mais rapidamente e com mais precisão e pelo fato de que com o anonimato o participante se sente mais livre na hora de responder.

Antes da aplicação definitiva do questionário foi efetuado um pré-teste com a finalidade de verificar se as questões estavam claras, se estavam de acordo com os objetivos

da pesquisa, o tempo que seria necessário para responder ao instrumento de pesquisa, para que quando fosse efetuada a aplicação definitiva se obtivesse o melhor resultado possível.

Como resultado da aplicação do pré-teste, foi possível reformular algumas perguntas e mudar a estrutura do questionário. Por exemplo, inicialmente as perguntas não estavam numeradas. Posteriormente, numeraram-se as questões para facilitar posterior análise e para que se evitasse que questões ficassem sem respostas por uma dificuldade do respondente se localizar dentro do questionário.

O questionário foi aplicado numa turma noturna da disciplina de Orientação Vocacional Profissional composta por cerca de 20 alunos.

Com relação à quantidade, foram aplicados 20 questionários.

O motivo da escolha dessa turma supracitada foi pelo fato de que esta matéria só pode ser cursada por alunos da Pedagogia, segundo uma restrição que existe no próprio sistema de matrícula da UnB, o *matriculaweb*. Além disso, esta disciplina é do quinto semestre do fluxograma do curso noturno de Pedagogia, o que possibilita o contato com sujeitos que já vivenciam há um bom tempo a realidade de ter que estudar e trabalhar. Este método foi também utilizado na pesquisa de GUIMARÃES (2006) onde a pesquisadora excluiu da sua escolha de população os alunos do primeiro ano: “devido à intenção de observar sujeitos que tivessem maior vivência do fenômeno estudado” (pág. 74). Por fim, foi escolhida uma turma do período noturno já que o foco deste trabalho é o estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia.

## **8.4 Apresentação e análise dos dados coletados**

### **8.4.1 Perfil dos estudantes-trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UnB**

Inicialmente procurou-se traçar um perfil do estudante-trabalhador da UnB do curso noturno de Pedagogia, comparando-o com o perfil dos sujeitos das pesquisas utilizadas no referencial teórico, para identificar similaridades e diferenças.

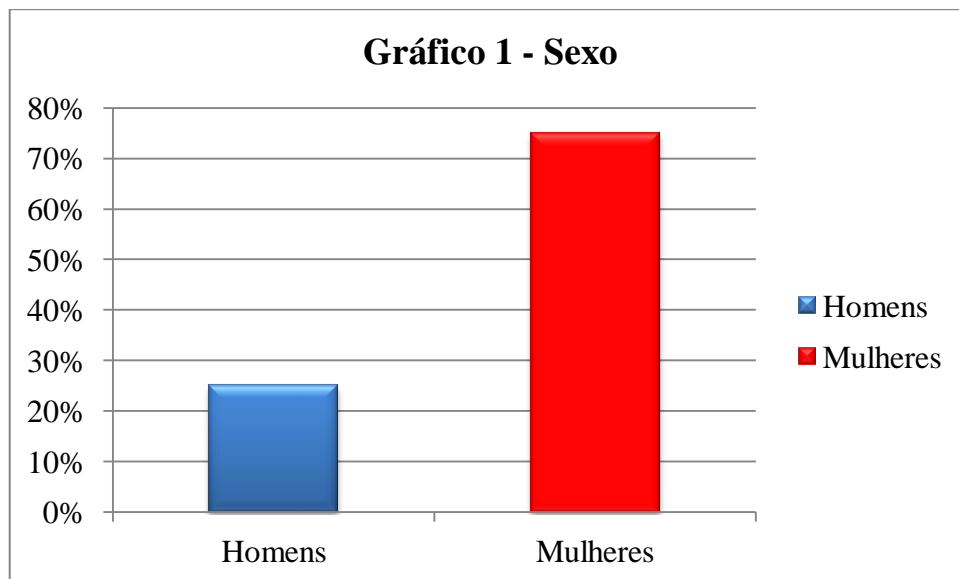
A média de idade dos sujeitos pesquisados girou em torno dos 25 anos de idade, o que confirmou a hipótese levantada no princípio deste trabalho de que não houve um grande atraso na trajetória pré-universitária dos estudantes e também se corrobora que o aluno trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB não tem uma idade mais avançada do que o do diurno.

Com relação ao sexo, as mulheres são maioria, sendo constituídas por 75% do total da amostra, enquanto que os homens estão representados por 25% do total dos estudantes-trabalhadores da pesquisa.

Tabela 1 - Sexo

Sexo	Porcentagem
Homens	25%
Mulheres	75%

Fonte: Pesquisa de campo



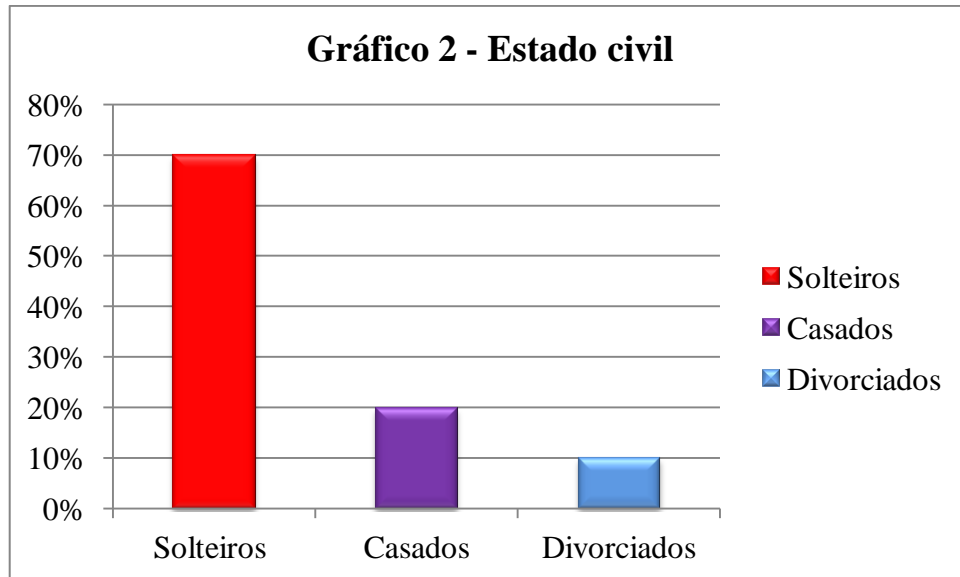
Fonte: Pesquisa de campo

No que se refere ao estado civil, a maioria dos alunos são solteiros (70%), porém existe uma parcela representativa de casados (20%) e de divorciados (10%).

Tabela 2 – Estado civil

Estado civil	Porcentagem
Solteiros	70%
Casados	20%
Divorciados	10%

Fonte: Pesquisa de campo



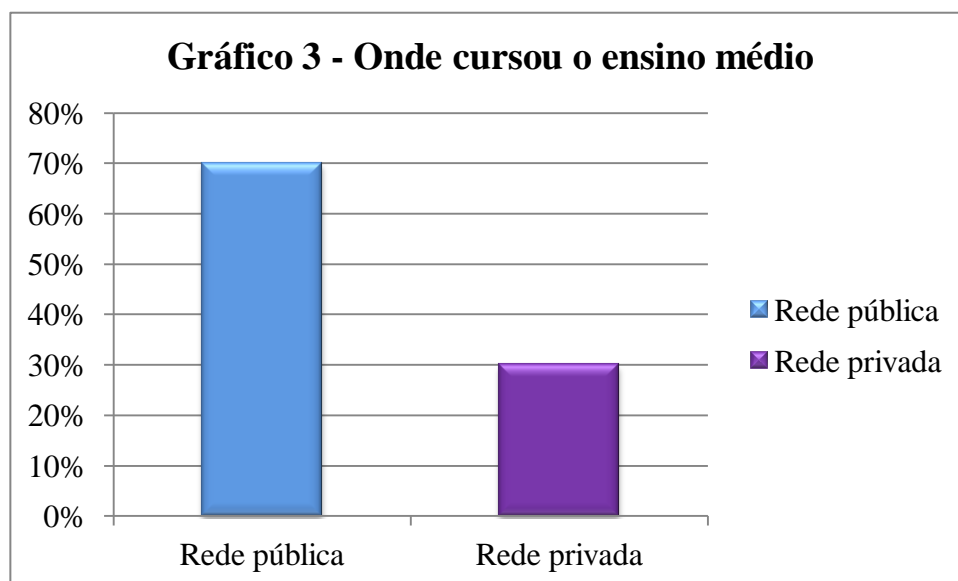
Fonte: Pesquisa de campo

Quanto à trajetória escolar pré-universitária, os alunos da UnB, assim como se viu nos estudantes das pesquisas, também provém em sua maioria da rede pública de ensino (70%), sendo que existe uma parcela significativa de alunos provenientes da rede privada de educação (30%).

Tabela 3 – Onde cursou o ensino médio

Onde cursou o ensino médio	Porcentagem
Rede pública	70%
Rede privada	30%

Fonte: Pesquisa de campo



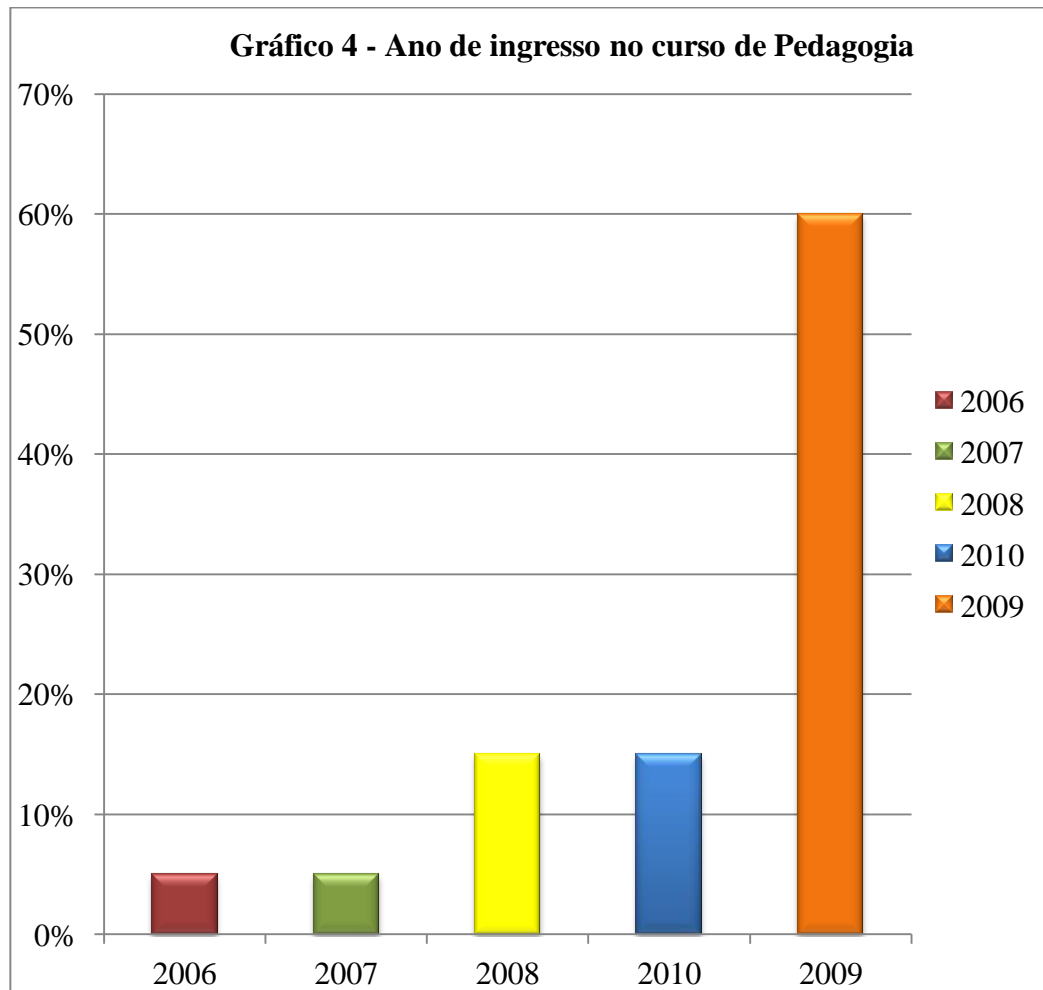
Fonte: Pesquisa de campo

Prosseguindo, questionou-se aos alunos desta pesquisa sobre o ano de ingresso no curso de Pedagogia. Verificou-se que a maioria dos entrevistados ingressou no curso no ano de 2009 (60%), seguido dos anos de 2008 e 2010 (ambos com 15%) e dos anos de 2006 e 2007 (ambos com 5%).

Tabela 4 – Ano de ingresso no curso de Pedagogia

Ano de ingresso no curso de Pedagogia	Porcentagem
2006	5%
2007	5%
2008	15%
2010	15%
2009	60%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Considerando que o questionário foi aplicado em uma disciplina do quinto semestre do curso noturno de Pedagogia da UnB, atentando para o ano de ingresso dos respondentes e

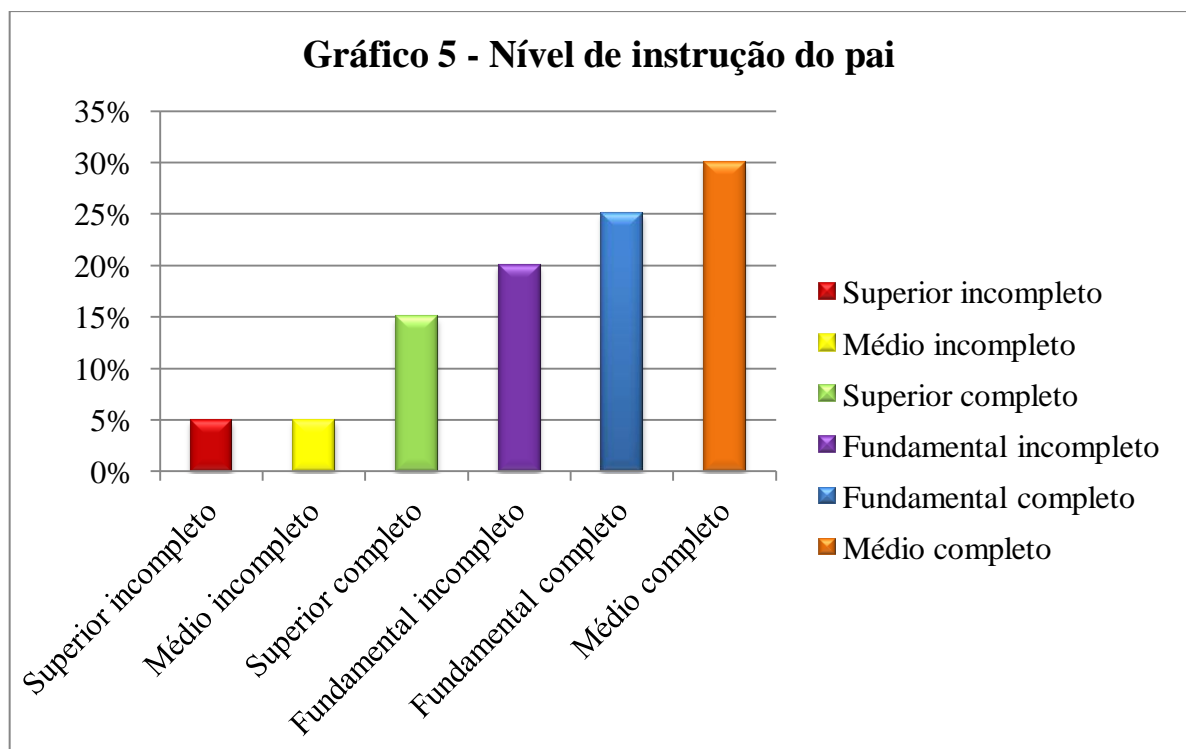
tomando-se em conta que o curso tem duração de 8 a 10 semestres em média, pode-se concluir que grande parte dos aluno (a)s não está atrasado (a)s na sua formação acadêmica dentro do curso, apesar de ter que conciliar estudo e trabalho.

Prosseguindo com o perfil, no que se refere ao nível de instrução do pai, predomina o nível médio completo (30%), seguido do fundamental completo (25%), fundamental incompleto (20%), superior completo (15%), e, por fim, superior incompleto e médio incompleto (5%).

Tabela 5 – Nível de instrução do pai

Nível de instrução do pai	Porcentagem
Superior incompleto	5%
Médio incompleto	5%
Superior completo	15%
Fundamental incompleto	20%
Fundamental completo	25%
Médio completo	30%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Já em relação ao nível de instrução da mãe também prevaleceu o nível médio completo (25%), seguido do fundamental completo e incompleto (20%), superior incompleto

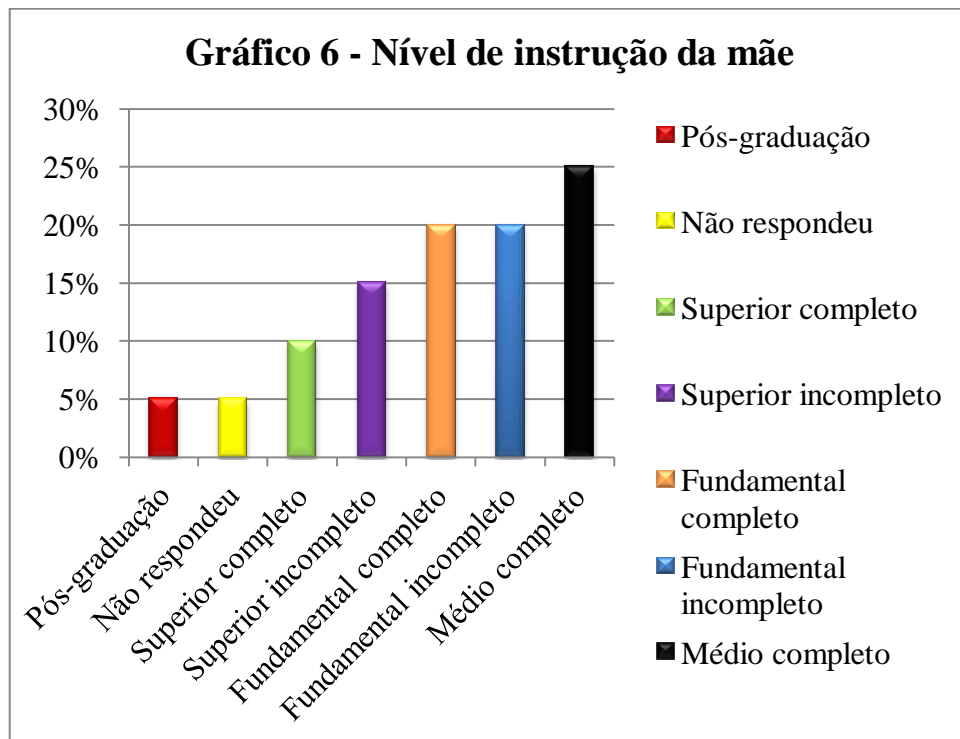


(15%), superior completo (10%), pós-graduação (5%) e 5% que não responderam ao questionamento.

Tabela 6 - Nível de instrução da mãe

Nível de instrução da mãe	Porcentagem
Pós-graduação	5%
Não respondeu	5%
Superior completo	10%
Superior incompleto	15%
Fundamental completo	20%
Fundamental incompleto	20%
Médio completo	25%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Percebe-se, pelo nível de instrução dos pais, que a hipótese levantada anteriormente, da busca do ensino superior como forma de ascensão social, se confirma, pois, a maioria dos pais dos alunos entrevistados possui o nível médio completo e uma parcela menor possui o nível superior completo/ pós-graduação.

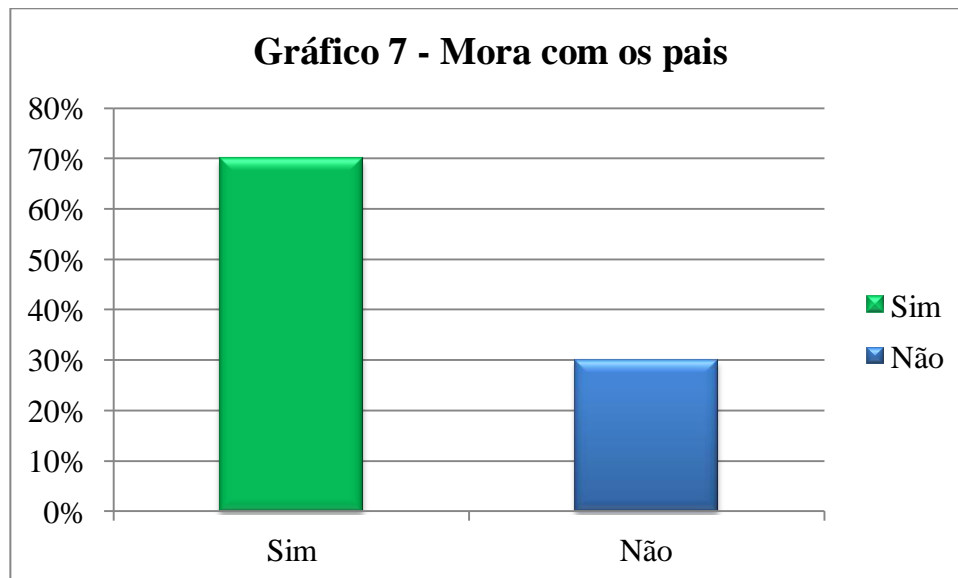
Tomando como base o valor vigente do salário mínimo que é de R\$ 622,00, verifica-se que a média da renda familiar dos alunos gira em torno dos nove salários mínimos e a média da renda individual é de, aproximadamente, três salários mínimos.

Questionados sobre morar ou não na casa dos pais, 70% responderam que sim e 30% responderam que não.

Tabela 7 – Mora com os pais

Mora com os pais	Porcentagem
Sim	70%
Não	30%

Fonte: Pesquisa de campo



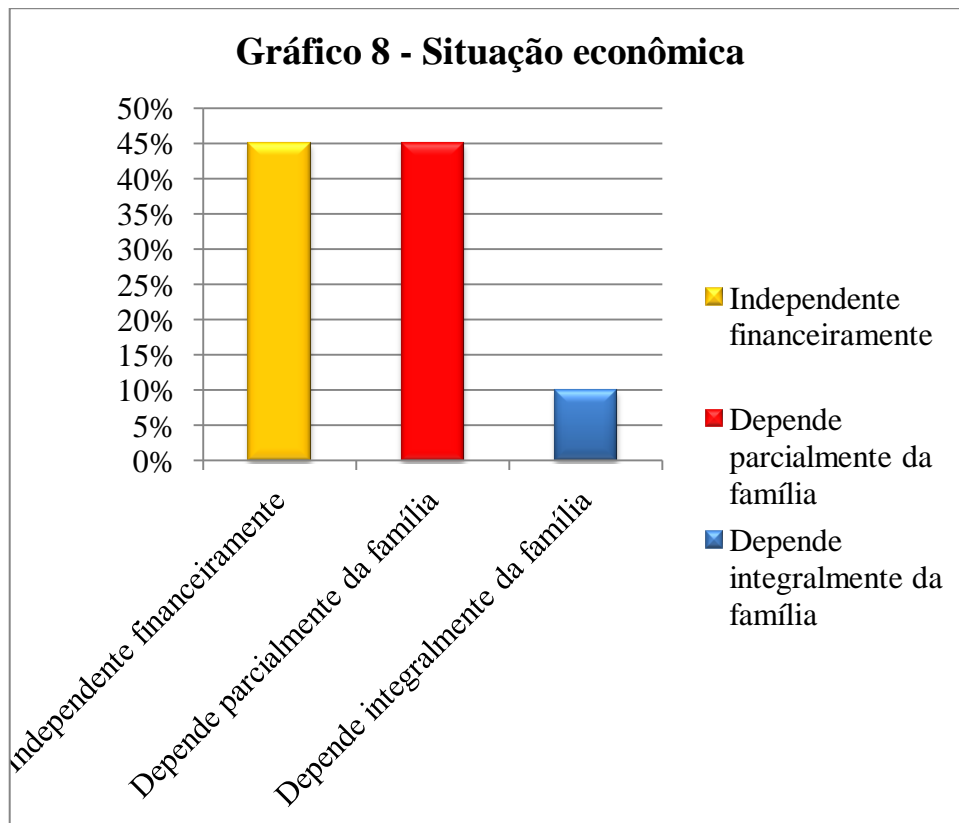
Fonte: Pesquisa de campo

A respeito da condição econômica dos estudantes, a fim de identificarmos os perfis comentados anteriormente (estudante-trabalhador, trabalhador-estudante e estudante em tempo integral), verificou-se que 45% dos alunos são independentes financeiramente (trabalhadores-estudantes), 45% dependem parcialmente da família (estudantes-trabalhadores) e 10% dependem totalmente da família (estudantes em tempo integral). Conclui-se então que, grande parte dos alunos do curso noturno de Pedagogia da UnB já trabalha, parte depende financeiramente da família e outra parte se considera independente financeiramente, ou seja, verifica-se a predominância de estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes, seguindo o mesmo padrão das pesquisas citadas anteriormente neste trabalho.

Tabela 8 – Situação econômica

Situação econômica	Porcentagem
Independente financeiramente	45%
Depende parcialmente da família	45%
Depende integralmente da família	10%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

No que se refere à profissão dos estudantes, a maioria trabalha como professor (seis pessoas), seguido de estagiários (quatro pessoas), estudantes (três pessoas) e servidores públicos (duas pessoas). Os demais responderam que exercem as profissões de militar, teleoperador, secretária executiva, auxiliar administrativo e uma pessoa respondeu que não está trabalhando.

Tabela 9 - Profissão

<b>Profissão</b>	<b>Quantidade</b>
Militar	1
Professor	6
Estagiário	4
Estudante	3
Não trabalha	1
Teleoperador	1
Secretária executiva	1
Auxiliar administrativo	1
Servidor público	2

Fonte: Pesquisa de campo

Sobre o local de trabalho, a maioria o exerce em órgãos governamentais (sete pessoas), seguido dos estudantes que trabalham em ambientes educacionais (escolas, cursos preparatórios, universidades) (sete pessoas) e comércio (duas pessoas). Duas pessoas responderam que não trabalham e duas não responderam ao questionamento.

Tabela 10 – Local de trabalho

<b>Local de trabalho</b>	<b>Quantidade</b>
Órgãos governamentais	7
Ambiente educacional	7
Comércio	2
Não trabalha	2
Não respondeu	2

Fonte: Pesquisa de campo

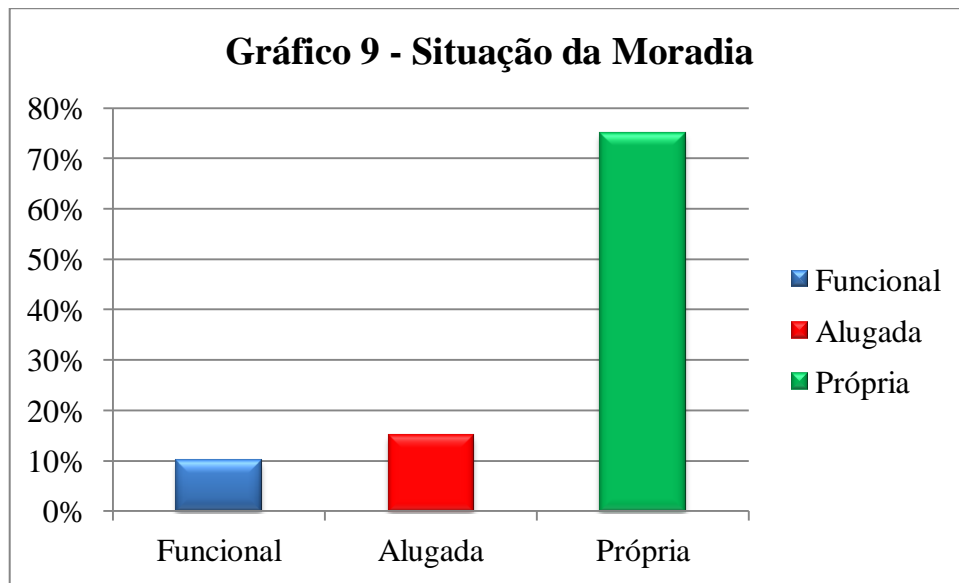
A média de duração da jornada de trabalho semanal dos estudantes gira em torno de 27 horas e meia, um pouco abaixo dos estudantes das pesquisas citadas no referencial teórico, que têm uma jornada semanal de 40 horas ou mais.

Questionou-se aos estudantes se moram em imóvel alugado, próprio, funcional ou outros. Neste último caso, foi solicitado que o entrevistado citasse a situação do imóvel. Identificou-se que a maioria dos alunos mora em imóveis próprios (75%), seguido dos que moram em imóveis alugados (15%) e, por fim, dos que moram em imóveis funcionais (10%).

Tabela 11 – Situação da Moradia

Moradia	Porcentagem
Funcional	10%
Alugada	15%
Própria	75%

Fonte: Pesquisa de campo



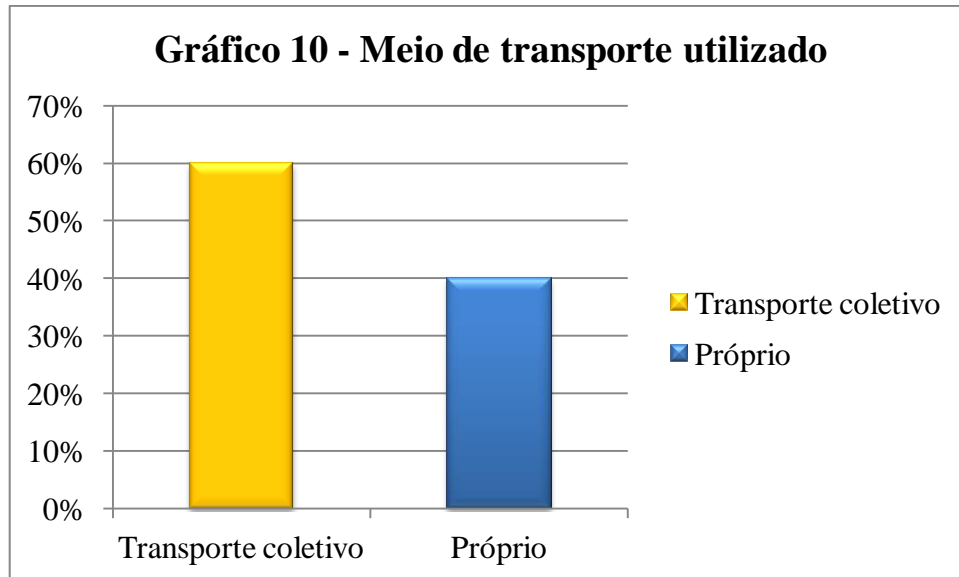
Fonte: Pesquisa de campo

O meio de transporte utilizado pela maioria dos estudantes para se deslocar até a faculdade é o transporte coletivo (60%), porém uma parcela significativa (40%) dos alunos utiliza meios próprios para se locomover até a UnB.

Tabela 12 - Meio de transporte utilizado

Meio de transporte utilizado	Porcentagem
Transporte coletivo	60%
Próprio	40%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

O período cursado durante o ensino médio pela maioria dos entrevistados foi o período diurno. Nenhum entrevistado afirmou ter cursado o ensino médio no período noturno. Isto demonstra que o estudo no período da noite é uma situação nova para os estudantes-trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UnB, diferentemente do que foi visto anteriormente neste trabalho, em que os jovens das outras pesquisas já tinham experiência desde o ensino médio com a realidade de ter que estudar no período noturno.

#### 8.4.2 Estudo e trabalho

Analisaremos a seguir o que levou os estudantes-trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UnB a desejarem cursar uma faculdade e as necessidades que os fizeram ter que conciliar trabalho e estudo durante a sua trajetória acadêmica, segundo testemunho dos próprios sujeitos da pesquisa.

Para os sujeitos da pesquisa, a busca pelo ensino superior seria motivada por uma necessidade de ascender social e profissionalmente e de estarem mais bem preparados para enfrentar o mercado de trabalho. Conforme foi mencionado no início deste trabalho, o curso superior permite obter conhecimentos que favorecem ao sujeito ser um profissional mais competente, ter um melhor nível de compreensão do seu trabalho. Seguem alguns depoimentos:

- “Aperfeiçoamento pessoal/profissional”.
- “Profissionalização para o mercado de trabalho”.

- “Subir em meu plano de carreira”.
- “Oportunidade de emprego”.
- “Melhores oportunidades profissionais, desenvolvimento intelectual”.

Já no que diz respeito a ter que conciliar estudo e trabalho durante a trajetória dentro do curso, identificou-se que os motivos são de razão financeira, seja para pagar as próprias despesas e/ou da família ou por uma necessidade de ter sua própria independência financeira. Corrobora-se, desta forma, a afirmação levantada anteriormente de que o sujeito necessita se inserir no mercado de trabalho para poder cursar o ensino superior. Seguem alguns depoimentos:

- “Por ter me separado do pai da minha filha, pela minha liberdade e independência financeira”.
- “Auxiliar a família com as despesas”.
- “Vontade e necessidade de pagar minhas contas”.
- “Cuidar do filho sozinha financeiramente”.

#### 8.4.3 Expectativas com relação ao curso

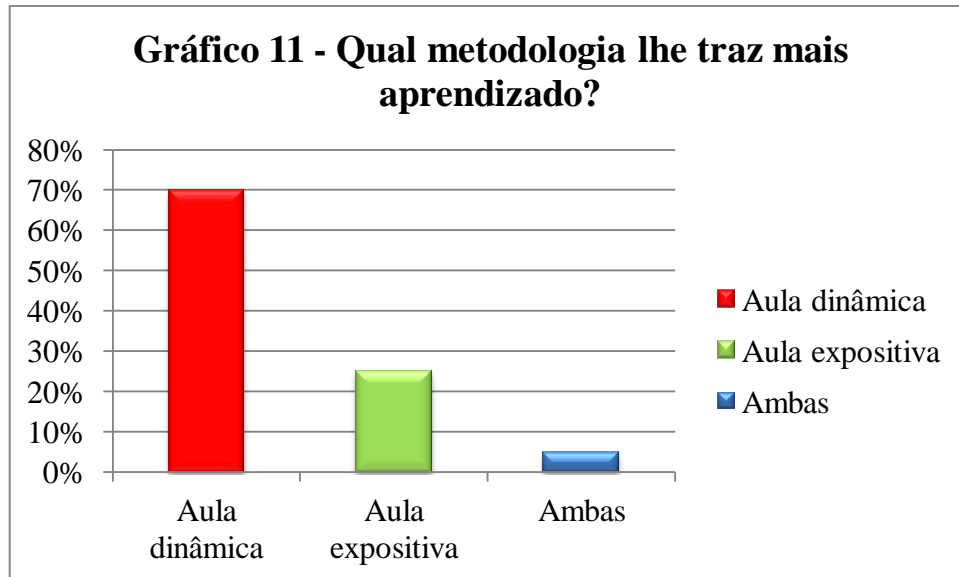
Neste momento, vamos analisar de que forma as metodologias utilizadas em sala de aula e os diferentes perfis de professor são vistos pelos alunos-trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UnB.

Os estudantes foram questionados sobre qual a metodologia que lhes proporciona mais aprendizado: se seria a aula dinâmica com a utilização de jogos, atividades em grupo e outros ou a aula expositiva. Entre os entrevistados, 70% afirmam que preferem a aula dinâmica, enquanto que 25% preferem a aula expositiva e 5% responderam que acreditam ser mais adequada a combinação de metodologias.

Tabela 13 – Metodologia de ensino

<b>Qual metodologia lhe traz mais aprendizado</b>	<b>Porcentagem</b>
Aula dinâmica	70%
Aula expositiva	25%
Ambas	5%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Os alunos foram também questionados sobre o motivo da preferência pelas metodologias. Os que optaram pela aula dinâmica, explicam que esse método estimula o aprendizado significativo, prende mais a atenção e aumenta o rendimento. Comentam ainda que, pelo fato de chegarem cansados na faculdade, o método dinâmico é mais adequado a essa situação. Seguem alguns depoimentos:

- “A aula passa a ser menos monótona com esse tipo de metodologia, logo, a aquisição de conhecimento é facilitada”.
- “As aulas parecem mais significativas e fica mais fácil apropriar-me do conhecimento”.
- “Como trabalho durante o dia, acordo muito cedo e a noite já estou muito cansada, então, aulas expositivas cansam e dá sono”.
- “Fixa melhor o conteúdo, depois de um dia de trabalho a aula tem que ser dinâmica para prender o interesse no conteúdo.”
- “As aulas em geral me trazem aprendizado inclusive a expositiva. Depende do professor e o modo como "leva" a aula e se le os textos indicados”.
- “Conforme a dinâmica utilizada o professor explica "o motivo" daquele exemplo, expondo teorias e facilitando o modo de aprendizagem”.

Já os que optaram pela aula expositiva, comentam que:

- “Aproveita mais a formação do professor”.



- “Maior rendimento/aproveitamento do tempo”.
- “Não existem aulas dinâmicas na UnB! (pelo menos nunca tive!) p.s: seminários não contam!”.
- “Aulas teóricas me trazem mais conhecimento, particularmente. Muitas vezes jogos e atividades não têm a seriedade acadêmica necessária”.
- “Creio que aulas dinâmicas eu me disperso muito”.

A pessoa que optou pela combinação das metodologias justifica:

- ”Acho que as duas podem andar juntas, pois se for só uma metodologia ficaria repetitivo, metódico e chato, como tem em muitas disciplinas”.

Analisando todas estas respostas, percebe-se que as aulas dinâmicas estimulam mais o aprendizado do aluno do noturno. Percebe-se também uma preocupação com o próprio aprendizado. Deseja-se que este seja significativo, ou seja, não é suficiente que a aula seja dinâmica. É necessário saber utilizar os recursos para que a dinâmica traga aprendizado.

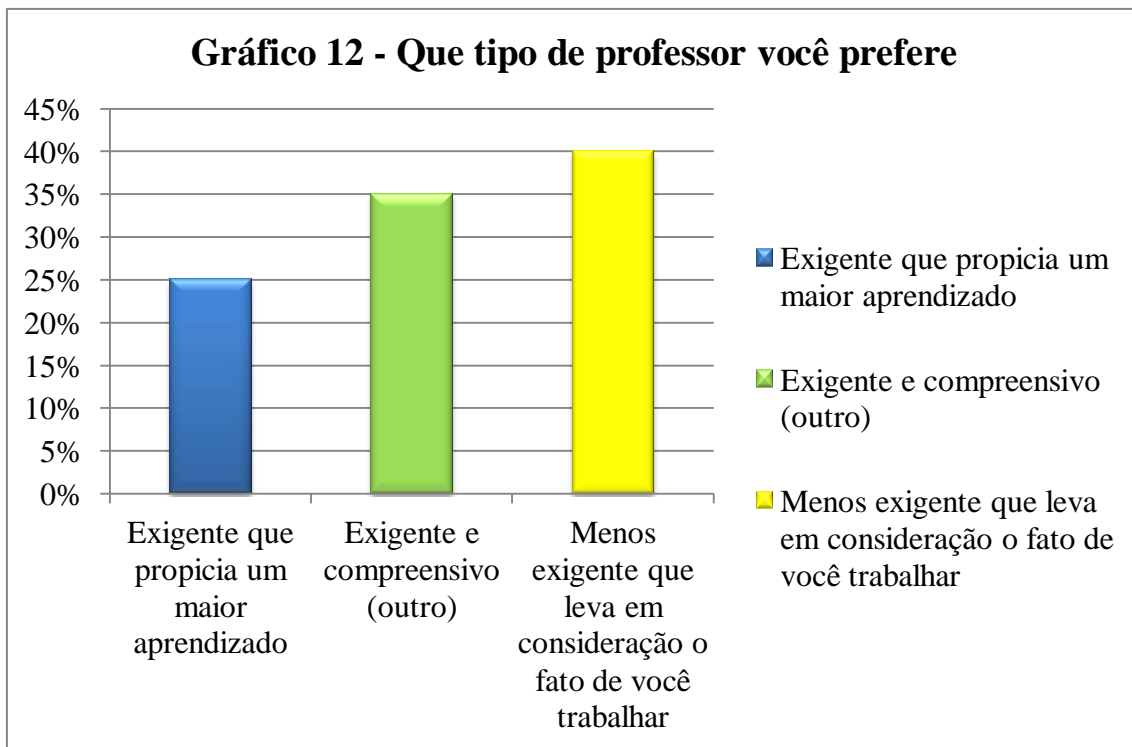
Com relação aos perfis dos professores, foi indagada a preferência dos sujeitos: um professor exigente que propicia um maior aprendizado, um professor menos exigente que leve em consideração o fato de o aluno trabalhar ou outro a ser explicitado pelo estudante.

A maioria dos entrevistados (60%) optou pelo perfil do professor exigente, sendo que 25% dos entrevistados responderam que preferem o professor exigente que propicia um maior aprendizado e 35% assinalaram que também preferem um professor exigente e que traga aprendizado, mas, que leva em consideração o fato de o estudante trabalhar. Outros 40% preferem um docente que seja menos exigente e que leve em consideração o fato do aluno ser trabalhador.

Tabela 14 – Tipo de professor

<b>Que tipo de professor você prefere</b>	<b>Porcentagem</b>
Exigente que propicia um maior aprendizado	25%
Exigente e compreensivo (outro)	35%
Menos exigente que leva em consideração o fato de você trabalhar	40%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Solicitou-se aos respondentes que justificassem sua escolha. Seguem abaixo alguns dos comentários feitos:

- “Tudo na vida tem seus horários. Mesmo trabalhando precisamos nos determinar quanto as obrigações”.
- “Por causa do emprego tenho que estudar na faculdade de manhã e à noite, portanto, não tenho tempo às vezes de concluir os trabalhos extraclasse”.
- “É importante que o professor passe conteúdos e cobre isso, porém, ele precisa ter uma didática e métodos de trabalho que cobre isso, levando em consideração a falta de tempo dos educandos”.
- “Os dois devem levar em consideração todos os "efeitos", "justificativa", mas sempre exigindo que o aluno se dedique à aula”.
- “Prefiro um bom professor que saiba passar o conteúdo, de forma que eu aprenda e não de forma imposta, com milhões de resenhas para fazer e etc.”.

- “Acho que o professor não precisa exigir tanto, se garantir por outros meios que o aluno esteja aprendendo”.

Analisando estes comentários e os demais dados coletados, percebe-se que a reivindicação dos alunos não é a condescendência e sim a compreensão por parte dos docentes de sua condição de estudantes-trabalhadores e a adequação das metodologias a esta realidade. Verifica-se também que existe uma preocupação por parte dos alunos com o aprendizado.

#### 8.4.4 Desempenho acadêmico

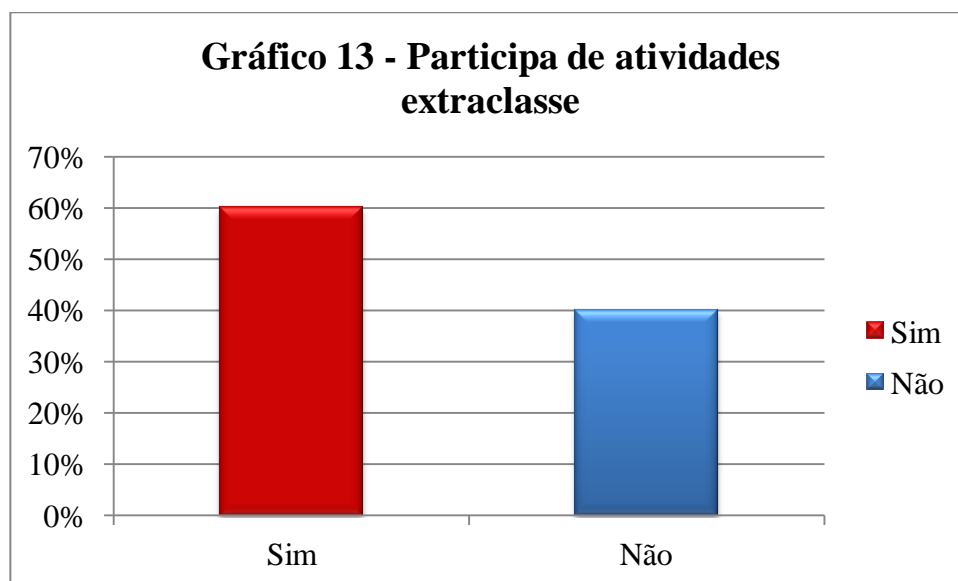
Vamos agora investigar alguns fatores que influenciam o desempenho acadêmico do estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB.

Questionou-se aos entrevistados se costumavam participar de atividades extraclasse proporcionadas pela universidade, tais como semana universitária, palestras, debates e outros. Identificou-se que 60% participam dessas atividades, enquanto que 40% limitam-se às atividades curriculares.

Tabela 15 – Participação em atividades extraclasse

Participa de atividades extraclasse	Porcentagem
Sim	60%
Não	40%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Para melhor compreensão do motivo que leva o estudante a não participar dessas atividades fora da sala de aula, perguntou-se aos que tinham respondido negativamente qual a razão de não participar dessas atividades. Em todos os casos o motivo apontado foi o da falta de tempo/indisponibilidade. Isto demonstra que o aluno está preocupado com a sua formação e não apenas em terminar o curso sem se preocupar com a qualidade e com o que está sendo discutido dentro da faculdade.

Mais adiante, procurando verificar a relação entre o trabalho e o curso do estudante-trabalhador, questionou-se aos entrevistados se a experiência profissional adquirida auxilia no curso de Pedagogia. Descobriu-se que, para 75% dos alunos, a experiência profissional auxilia durante o curso. Outros 20% responderam que a experiência no trabalho não auxilia dentro do curso e 5% não responderam à pergunta.

Tabela 16 – Relação entre trabalho e estudo

Sua experiência profissional auxilia no curso	Porcentagem
Sim	75%
Não	20%
Não respondeu	5%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Questionados sobre a contribuição da experiência profissional no curso, obteve-se esclarecimentos como os que seguem:

- “A vivência no trabalho ajuda a assimilar os conteúdos”.

- “Eu já trabalho na minha área, Pedagogia”.
- “Aplico o que vejo em sala de aula e trago para a sala o que faço no trabalho”
- “Minha profissão atual não tem ligação com o curso”

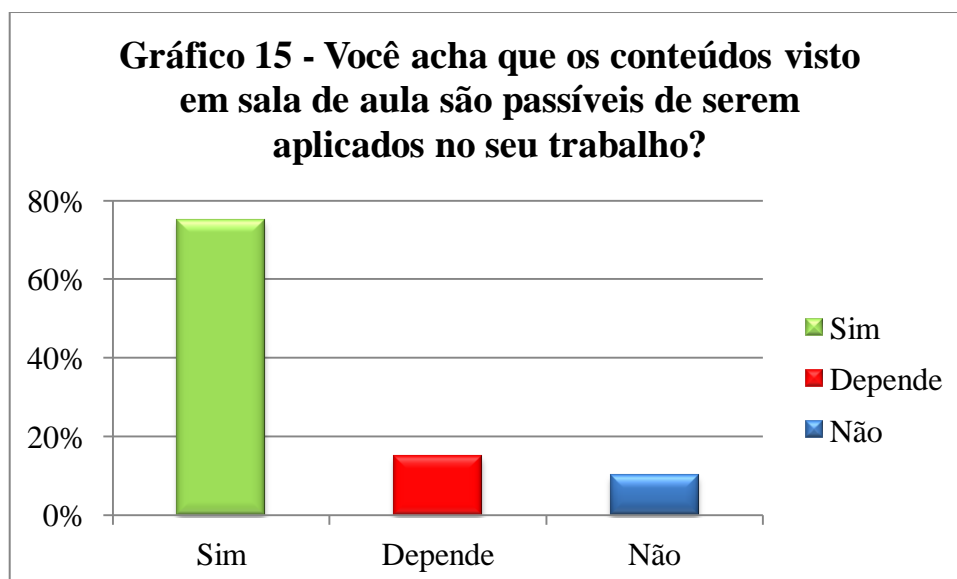
Analisando estes depoimentos e os demais dados apresentados acima, percebe-se que, como grande parte dos alunos trabalham na área educacional, essa experiência os auxilia a obterem um melhor aprendizado, a melhorarem o desempenho no curso. Isso é um dado importante, pois, pode-se utilizar dessa constatação, para melhorar o processo de ensino-aprendizagem destes alunos.

Prosseguindo, na análise da relação entre o trabalho e o curso do aluno, perguntou-se aos entrevistados se os conteúdos vistos em sala de aula eram passíveis de aplicação no trabalho. Verificou-se que 75% responderam sim ao questionamento, enquanto que 10% responderam que não. Outros 15% marcaram uma alternativa que não existia inicialmente no questionário, que seria correspondente a depende da situação.

Tabela 17 – Relação entre estudo e trabalho

<b>Você acha que os conteúdos são passíveis de serem aplicados no seu trabalho?</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	75%
Depende	15%
Não	10%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

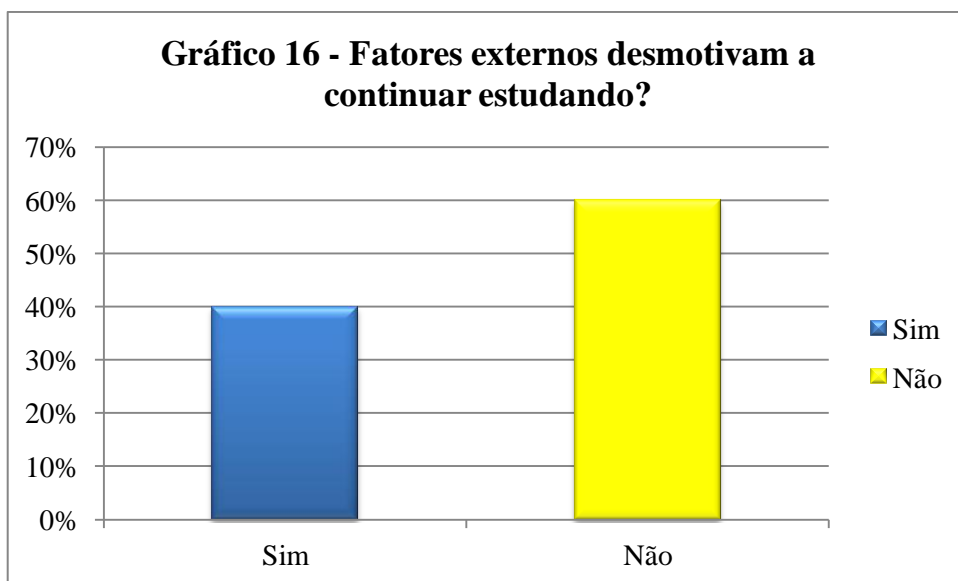
Quando questionados sobre o porquê da escolha, obteve-se respostas semelhantes às da questão anterior. Ou seja, os resultados desse questionamento reforçam o que foi dito anteriormente: como a maioria dos alunos trabalha na área educacional, eles conseguem aproveitar o que é visto no curso em seu dia-a-dia de trabalho.

Mais adiante, questionou-se aos entrevistados se fatores como atrasos, faltas, perda de provas, etc., os desmotiva a continuar os estudos. Identificou-se que, para a maioria dos alunos (60%), esses contratempos não os desmotivam a dar continuidade ao curso, enquanto que, para 40%, esses obstáculos são fator de desmotivação.

Tabela 18 – Fatores que influenciam a continuidade do estudo

Fatores externos desmotivam a continuar estudando?	Porcentagem
Sim	40%
Não	60%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Complementando o raciocínio, questionou-se aos entrevistados quais os motivos que eram causadores desses contratempos. Nessa questão, vários entrevistados marcaram mais de uma alternativa. Desta forma, os resultados não nos permitem trabalhar com porcentagens: apenas com indicativos de quantidade. O motivo apontado como maior causador dos contratempos foi a oferta de transporte público insuficiente (14 votos). A dificuldade de liberação no trabalho obteve 5 votos. Cansaço obteve 3 votos e problemas no trânsito obteve 2 votos. Foram também apontados pelos entrevistados fatores tais como: stress, falta de tempo para dedicação aos estudos, família, um conjunto de fatores, distância da UnB,

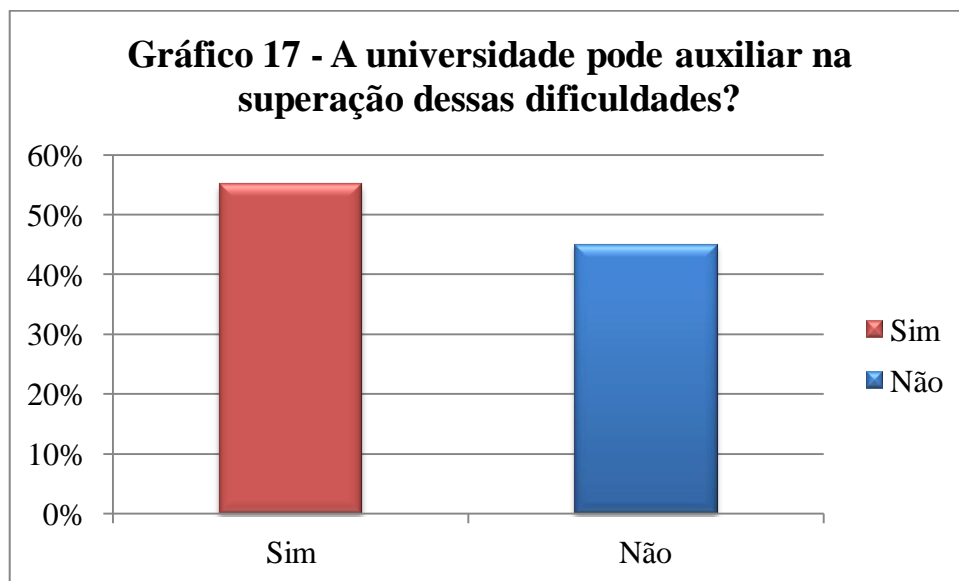
inflexibilidade de alguns professores em relação a atrasos e dificuldade de conciliar trabalho e estudo.

Por fim, questionou-se aos estudantes se eles acreditam que a universidade poderia fazer algo para auxiliar nas dificuldades apontadas acima. Para a maioria, 55% dos entrevistados, a universidade pode auxiliar a superar/lidar com essas dificuldades, enquanto que para 45% dos entrevistados, a universidade não tem condições de interferir para auxiliar na superação/amenização dessas dificuldades.

Tabela 19 – Auxílio da universidade na superação das dificuldades

A universidade pode auxiliar na superação dessas dificuldades?	Porcentagem
Sim	55%
Não	45%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Quando solicitados que explicassem o motivo da escolha da alternativa marcada acima, obteve-se algumas respostas como:

- “Acho que às vezes é impossível que você saiba que em determinado dia aconteça coisas em nosso serviço que devem ser resolvidas urgência e no mesmo dia, então é difícil que a universidade faça algo para mudar isso.”

- “Creio que poderia haver maior flexibilidade em todos os aspectos: horários, por parte dos professores, etc.”.

- “No meu caso (militar) notificando ao meu chefe a necessidade de estar presente e aceitar minhas declarações quando falto por serviço.”.
- “Abaixo-assinados para conseguir mais linhas de ônibus para a faculdade.”.
- “O engarrafamento é problema da cidade não da UnB.”
- “São fatores externos à UnB”.

Observando os comentários acima, verificamos que existe uma divisão de opiniões entre os alunos: uns acreditam que a universidade pode fazer algo para auxiliá-los a enfrentar as dificuldades e outros se culpabilizam pelos próprios problemas, acreditando que a universidade não tem como interferir na resolução das dificuldades enfrentadas por eles. Porém, considerando que o motivo apontado como maior causador dos contratempos foi a oferta de transporte público insuficiente e que grande parte dos alunos utiliza transporte público para se deslocar até a faculdade, será que algo não poderia ser feito nesse caso? Um dos comentários acima inclusive dá uma sugestão para solucionar o problema que seria fazer abaixo-assinados para melhorar a oferta de transporte público. De qualquer maneira, cabe ao menos uma reflexão sobre essa questão.

#### 8.4.5 Curso de Pedagogia noturno da FE

Neste tópico, vamos procurar identificar os fatores que influenciam na formação acadêmica do estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da FE.

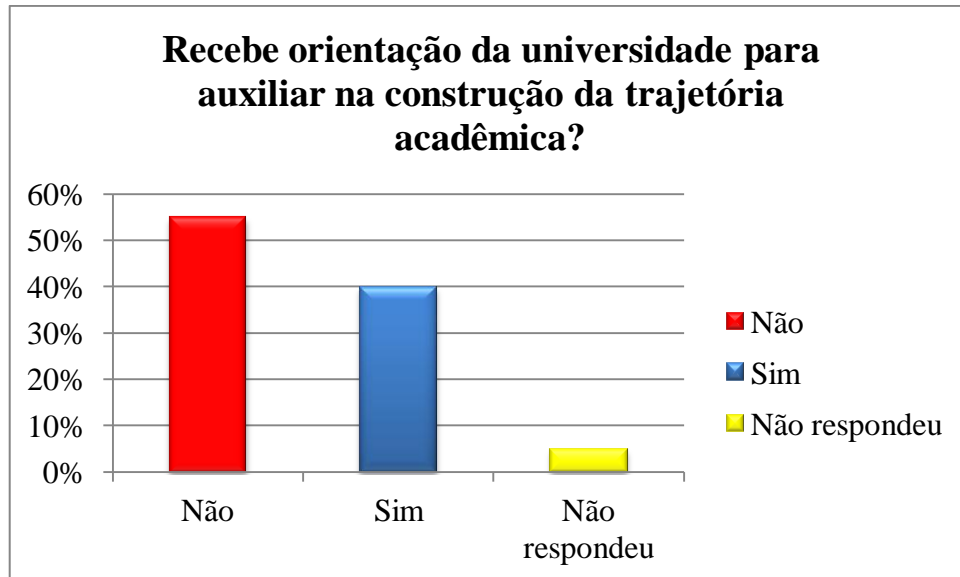
Questionou-se aos sujeitos da presente pesquisa se os mesmos recebem orientação da universidade que lhes auxilie a construir a sua trajetória acadêmica. Identificou-se que a maioria dos alunos (55%) não recebe nenhuma orientação a este respeito, enquanto que 40% afirmam que recebem orientação da universidade e 5% não responderam ao questionamento.

Tabela 20 – Orientação acadêmica

<b>Recebe orientação da universidade para auxiliar na construção da trajetória acadêmica?</b>	<b>Porcentagem</b>
Não	55%
Sim	40%
Não respondeu	5%

Fonte: Pesquisa de campo





Fonte: Pesquisa de campo

Analisando os dados, conclui-se que a maioria dos alunos não recebe nenhuma orientação para auxiliar na construção da sua trajetória. Isto leva o estudante a se valer da improvisação e da criatividade para conseguir concluir o curso. Desta forma, como fica a qualidade de sua formação?

Para continuarmos nos aprofundando nessa questão, questionou-se os alunos sobre o critério que utilizam para se matricular nas disciplinas optativas. Constatou-se que o critério mais utilizado pelos alunos é o horário (17 votos), seguido do tema (9 votos). Dois respondentes marcaram que utilizam outros critérios, sendo que um deles respondeu que seria o professor e o outro sujeito da pesquisa comentou que não faz matérias optativas.

Os principais argumentos utilizados pelos alunos-trabalhadores para escolha das disciplinas optativas foram:

- “Quem trabalha tem que escolher a matéria que encaixa”.
- “Tenho que conciliar as atividades”.
- “Encaixo nos horários disponíveis”.
- “Prefiro os horários da noite, pois trabalho, levando em consideração a mistura de temas que me interessam e que menos me interessam”.
- “Não possuo tanta disponibilidade e flexibilidade de tempo.”

Percebe-se que, por ter que conciliar trabalho e estudo, grande parte opta por escolher as matérias por causa do horário, em vez do tema da disciplina, o que pode fazer com que os conteúdos acabem não sendo tão significativos para o indivíduo.

Ainda sobre essa questão de critério de escolha, questionou-se os entrevistados sobre qual o critério utilizado para se matricular nos Projetos 3. De forma semelhante a questão anterior, identificou-se que o critério mais utilizado foi o do horário do projeto (14 votos), seguido do tema do projeto (10 votos) e de outros critérios utilizados (3 votos).

Os principais argumentos para justificar o motivo da escolha do critério assinalado foram:

- “Único horário disponível para mim”.
- “O Projeto que faço é no sábado pela manhã, o que não me atrapalha no serviço e também é um projeto que em me interesse, pois, posso trabalhar com orientação educacional”
- “Falta de disponibilidade de horário/ choque de horários”
- “No projeto 3 ainda não tem o foco real na prática que desejo então escolho pelo que se encaixa no meu horário”
- “Tive a sorte de haver o projeto do meu interesse no horário que eu poderia”

Continuando a explorar essa questão, questionou-se os entrevistados sobre qual o critério para matrícula no Projeto 4. O critério que teve o maior número de votos foi o tema (14 votos), seguido do horário (10 votos) e de outros (1 voto).

As principais respostas utilizadas para justificar a escolha marcada acima foram:

- “Pretendo dar continuidade ao tema que já havia escolhido e também é ofertado em um horário que não me atrapalha com o horário do serviço”
- “Este já começa a trabalhar p/o meu projeto final”
- “O tema, pois me levará ao projeto 5 e o professor”
- “Algo que eu pudesse usar em minha monografia”
- “O tema é importante para a conclusão e realização profissional”

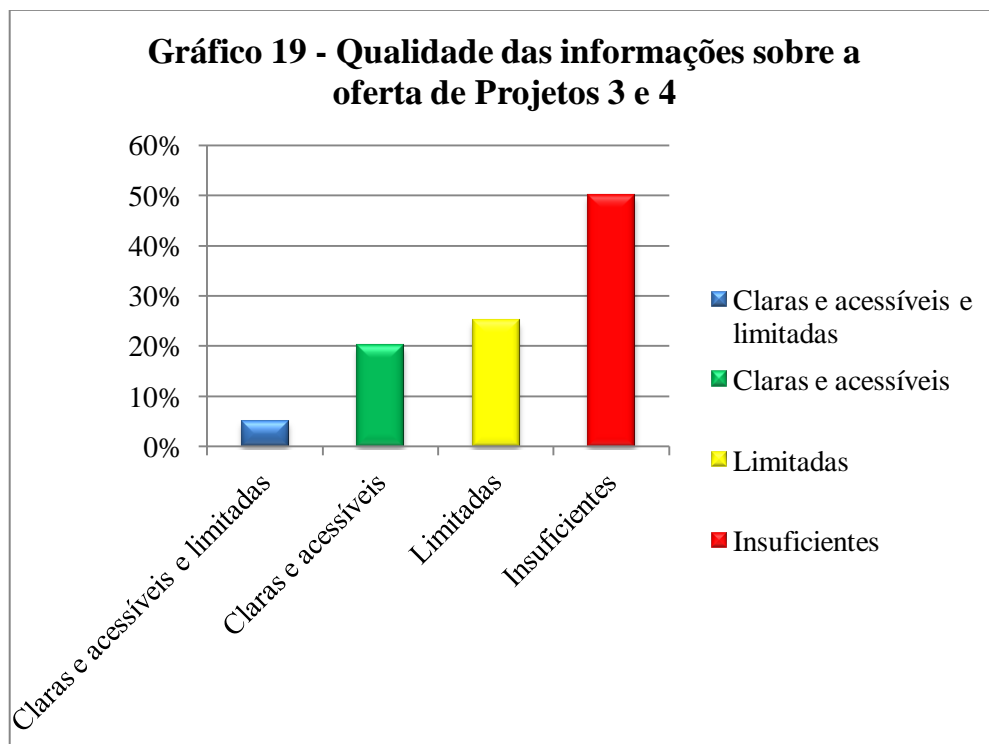
Desta forma, analisando essa questão dos critérios para matrícula, tanto nas disciplinas optativas, quanto nos Projetos 3 e 4, percebe-se que, por causa do trabalho, muitas vezes o estudante é obrigado a fazer suas escolhas se limitando ao horário e não por aquilo que possa trazer algo significativo para a sua formação. Apenas no caso do Projeto 4, observa-se que a maioria faz sua opção devido ao tema, pois, estão preocupados em chegar mais bem preparados ao Projeto 5 (TCC do curso de Pedagogia).

Procurou-se também verificar a opinião dos estudantes sobre as informações oferecidas por ocasião da matrícula nos Projetos 3 e 4. A maioria considera que as informações disponíveis são insuficientes (50%), seguido de 25% que considera que as informações são limitadas, 20% que considera que as informações são claras e acessíveis e uma pessoa (5%) que marcou duas alternativas (claras e acessíveis e limitadas).

Tabela 21 – Qualidade das informações sobre a oferta dos Projetos 3 e 4

<b>Qualidade das informações sobre a oferta de Projetos 3 e 4</b>	<b>Porcentagem</b>
Claras e acessíveis e limitadas	5%
Claras e acessíveis	20%
Limitadas	25%
Insuficientes	50%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Solicitou-se aos respondentes que justificassem sua escolha e as principais respostas foram:

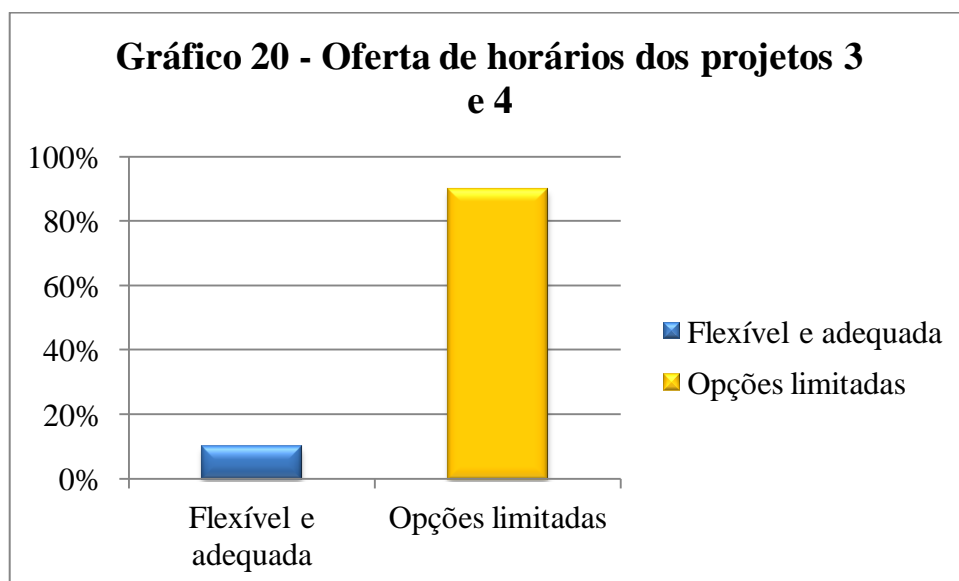
- “Eu só conheci o Projeto que faço por causa de amigas que o indicaram. Nunca vi a própria faculdade falar sobre ele”.
- “Só consegui me inscrever por orientação de um veterano”.
- “Só explicitam horário e professor”.
- “Muitas vezes os temas e informações não são suficientes para uma boa escolha”.
- “Não há ementa no *matriculaweb*”

Questionou-se ainda aos entrevistados como avaliam a oferta de horários dos Projetos 3 e 4. A grande maioria (90%) considera que as opções de horários disponíveis para se matricular nos Projetos 3 e 4 são limitadas, enquanto que 10% considera que a oferta de horários disponíveis é flexível e adequada.

Tabela 22 – Oferta de horários dos Projetos 3 e 4

Oferta de horários dos projetos 3 e 4	Porcentagem
Flexível e adequada	10%
Opções limitadas	90%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

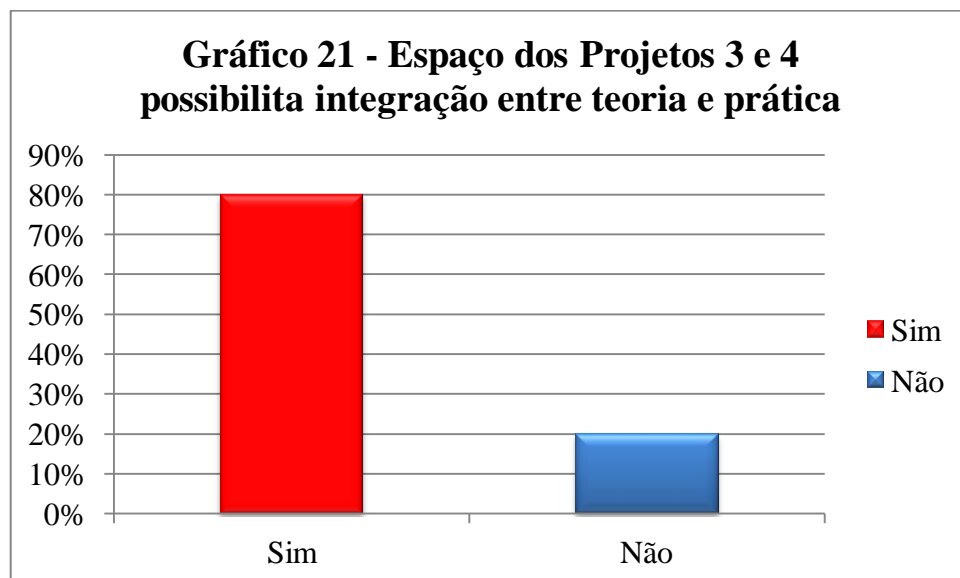
Analisando as respostas acima, vemos que, o estudante-trabalhador além de ter poucas informações sobre os Projetos 3 e 4, dispõe de poucas opções de horários para conseguir se matricular. Desta forma, para quem já tem dificuldades de conciliar trabalho e estudo, a qualidade da sua formação acaba deixando a desejar, pois, o sujeito tem que improvisar e se desdobrar para conseguir completar os créditos exigidos para a conclusão do curso, tendo muita dificuldade para escolher algo que possa contribuir mais efetivamente para um maior e melhor aprendizado.

Questionou-se, por fim, aos entrevistados, se o espaço dos Projetos 3 e 4 lhes possibilita fazer a integração entre teoria e prática, apesar das dificuldades encontradas na fase de escolha do Projeto e matrícula. Identificou-se que, para a maioria (80%), os projetos possibilitam fazer a integração teórico-prática dos conteúdos, enquanto que 20% discordam dessa afirmação.

Tabela 23 – Integração entre teoria e prática dentro dos Projetos 3 e 4

<b>Espaço dos Projetos 3 e 4 possibilita integração entre teoria e prática</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	80%
Não	20%

Fonte: Pesquisa de campo



Fonte: Pesquisa de campo

Solicitou-se que os respondentes justificassem suas respostas e os principais argumentos foram:

- “Nos projetos em que participei propiciou isso”.
- “No meu projeto sim, pois aplico as coisas que aprendo na faculdade”.
- “É o único momento em que isso acontece de verdade”.
- “É para isso que eles existem”.
- “Sim, pois o projeto que desenvolvo já é no próprio ambiente da prática”.

Percebe-se então que, apesar das dificuldades encontradas pelos estudantes, no momento da matrícula e escolha dos projetos, o espaço dessas disciplinas está sendo bem aproveitado, pois o objetivo de fazer a integração entre teoria e prática está sendo alcançado.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo o que foi visto, pode-se concluir que, apesar de ter que conciliar estudo e trabalho, o estudante-trabalhador da UnB não está atrasado no andamento do curso, pois a maioria dos entrevistados ingressou em 2009 no curso e já estão cursando uma matéria do quinto semestre. Isto demonstra que os alunos se encontram dentro do fluxo ou até mesmo adiantados.

Percebe-se também que o que motiva os alunos a ingressarem numa faculdade, segundo discurso dos próprios, seria a necessidade de ascender social e profissionalmente e melhorar como profissional, obter os conhecimentos necessários para desempenhar melhor suas funções no dia-a-dia de trabalho. Outro indicador dessa realidade é o nível de instrução dos pais dos alunos-trabalhadores que, em sua maioria possuem o nível médio completo, o que leva a concluir que esse elemento influencia o aluno a querer buscar o ensino superior, conforme hipótese (da ascensão social e profissional das classes populares) levantada no referencial teórico quando foi citada a pesquisa de CARDOSO; SAMPAIO (Sem Data).

Descobriu-se também que a razão que leva os sujeitos desta pesquisa a terem que conciliar estudo e trabalho durante a sua formação acadêmica é de origem financeira, seja para ajudar nas despesas da casa ou para obter sua própria independência econômica.

Com relação à questão da metodologia utilizada para melhor atender a estes alunos, comprovou-se que a maioria defende que aula necessita ser mais dinâmica e interativa para que desperte a sua atenção e o seu interesse, mas, alguns enfatizam que essa dinâmica deve ser bem conduzida e explicada. Por outro lado, houve uma parcela de alunos que defende que a aula expositiva também traz aprendizado e bom rendimento. Diante disso, uma opção que o docente pode escolher para resolver este impasse e melhorar o processo de ensino-aprendizagem, seria um melhor diálogo junto aos estudantes visando descobrir a melhor forma de conduzir as aulas de maneira que o aluno consiga aprender de forma proveitosa, afinal o professor também chega cansado à noite na faculdade. A reflexão de TERRIBILI FILHO; RAPHAEL (2009) nos auxilia a refletir sobre tudo isto que foi dito:

(...) o professor experimenta as mesmas dificuldades dos estudantes para chegar à instituição de ensino: enfrenta os problemas de trânsito e transportes, riscos quanto aos aspectos de segurança, dificuldade de alimentação antes das aulas, etc., o que o torna mais empático à problemática do estudante, aumentando seu nível de compreensão e tolerância. Por outro lado, há aspectos negativos com a dupla

jornada: por vezes, o professor não prepara adequadamente a aula por falta de tempo, chega atrasado, cansado, estressado, pois já teve problemas no seu ambiente de trabalho. Além disto, a baixa disponibilidade compromete o atendimento a alunos fora da sala de aula e impede seu aprimoramento como professor, pois tem pouco tempo para leituras, pesquisas e participação de cursos de formação pedagógica: trabalha em empresa durante o dia, atua como docente no período noturno e nos finais de semana, este profissional realiza suas pesquisas, prepara suas aulas, corrige trabalhos e provas. (pág.108).

No que diz respeito à postura do docente, o que o aluno espera, não é a condescendência e sim, a compreensão das dificuldades envolvidas neste processo de ter que conciliar as duas atividades. Existe também uma preocupação de que o aprendizado não seja prejudicado por causa dessa concomitância das atividades.

Apesar do pouco tempo disponível para se dedicar ao curso, a grande maioria dos estudantes-trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UnB, consegue participar das atividades oferecidas fora do horário de aula (semana universitária, debates, palestras, outros). Os que não participam o fazem por causa da indisponibilidade de tempo e não por desinteresse em participar das atividades, o que demonstra que os sujeitos estão preocupados em aproveitar, dentro das limitações da sua condição, o que o curso oferece para incrementar sua formação.

Identificou-se que existe um grande número de profissionais que trabalham na área de educação. Além disso, o próprio discurso dos sujeitos corroborou que a relação entre o que é visto no curso e o trabalho é muito próxima. Neste caso, o aluno aproveita o que vê em sala de aula para utilizar em seu trabalho, o que traz benefícios tanto para o aprendizado do aluno quanto para o ambiente de trabalho.

Observou-se também que apesar dos diversos contratempos que o estudante tem que superar para continuar os estudos, isto não o desmotiva a prosseguir dentro do curso. Porém, é importante ressaltar que o maior causador dessas dificuldades, segundo o que foi apontado pelos sujeitos da pesquisa, foi a insuficiência na oferta de transporte público. Além disso, os alunos acreditam que a universidade pode auxiliar na superação dessas dificuldades.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que o estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia da UnB, não recebe orientação satisfatória da universidade para construir sua trajetória acadêmica. Isto pode fazer com que o aluno busque as informações em fontes não oficiais o que prejudica o seu desempenho e o bom andamento do curso.



Com relação à escolha das disciplinas optativas e do Projeto 3, identificou-se que o horário é o critério mais utilizado pelos alunos. Apenas no caso do Projeto 4, a opção é pelo tema, pois, os estudantes já pensam no próximo passo que terão que dar que é o desenvolvimento da monografia no Projeto 5. Isto demonstra que o aluno pode acabar deixando de fazer uma matéria que poderia lhe acrescentar algo mais significativo à sua formação por ter que optar pela matéria em função do horário.

Ainda com relação a essa questão da trajetória nos Projetos 3 e 4, o estudante encontra diversas dificuldades quando tem que fazer escolhas nesta etapa, tais como, a quantidade escassa de informações acerca desse Projeto e a limitada oferta de horários para matrícula. Esses obstáculos causam um grande transtorno, pois, prejudica uma fase que é crucial para uma boa conclusão do curso. Isto faz com que o aluno acabe visando conseguir terminar o curso da maneira que for possível, o que acaba por prejudicar a qualidade da sua formação.

Apesar dessas dificuldades encontradas, pelos estudantes-trabalhadores do curso noturno de Pedagogia da UnB, para fazer as suas escolhas e matrículas nos Projetos 3 e 4, os mesmos, em seu discurso, afirmam que o espaço desses Projetos tem cumprido com o seu objetivo de propiciar a integração entre teoria e prática.

Visto tudo isto, vemos que há muitos pontos a serem aperfeiçoados para que o curso noturno de Pedagogia possa atender melhor ao seu público-alvo que é o estudante-trabalhador noturno. Sabendo da limitação que esta pesquisa possui, o grande objetivo foi trazer à tona a reflexão e discussão sobre este assunto, para que venham outras contribuições que enriqueçam a compreensão e entendimento do problema. Os debates acerca deste tema ainda estão em um nível incipiente e, além disso, pouco se discute sobre o sujeito da presente pesquisa. O primeiro passo, por exemplo, poderia ser o aprofundamento do estudo sobre o estudante-trabalhador do curso noturno de Pedagogia. As questões que surgirem, assim como as que foram levantadas neste TCC, irão contribuir para melhorar a qualidade do curso e a maneira como ele está sendo ofertado aos estudantes-trabalhadores do período noturno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO Ruth C. L. ; SAMPAIO Helena. **Estudantes universitários e o trabalho.**

Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_03.htm)>

Acesso em 20 mar.2012.

CASTANHO, Maria Eugenia. **Universidade à noite: Fim ou começo de jornada?.** Campinas: Papirus, 1989. 128 p.

Desempenho. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 556.

Educação. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 619.

ENCONTRO DA COMUNIDADE DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UnB, 1, 2011, Brasília, **Ressignificando o Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia.** Brasília: UnB, 2011. 59 p.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia.** Brasília: UnB, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GUIMARÃES, Maria Gertrudes Gonçalves de Sousa. **Trabalhadores-estudantes; um olhar para o contexto da relação entre trabalho e ensino superior noturno.** 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2006.

GUIMARÃES, Maria Teresa Canesin et al. **Estratégias educativas de jovens mulheres em processo de formação.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt03/t0311.pdf>>  
> Acesso em: 20 mar. 2012.

KOCH, Zenir Maria. A Volta dos Excluídos: como Conciliar Estudo e Trabalho. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** Brasília, set/dez. 1992. Disponível em:  
< <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/394/401>> Acesso em: 20 mar. 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Sueli da Silva. A prática pedagógica dos educadores no espaço escolar: reflexões voltadas ao aluno trabalhador. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/686-2.pdf>> Acesso em 20 mar. 2012.

REGINATO, Ana Maria. O aluno trabalhador: o encontro entre conhecimento e experiência – uma abordagem ergológica. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, p. 91-113, ago./dez. 2010.

Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/50/44>>

Acesso em: 15 out. 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **Trabalhador-estudante**: Um perfil do aluno do curso superior noturno(o). São Paulo: Loyola, 1989. 140 p.

TERRIBILI FILHO, Armando; RAPHAEL, Hélia Sonia. **Ensino superior noturno**: problemas, perspectivas e propostas . Marília: FUNDEPE, 2009. 130 p.

## PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Após a conclusão do curso, profissionalmente, pretendo:

- Prestar concurso público em nível superior para trabalhar na área de educação como pedagogo.
- Prestar concurso interno dentro da Caixa Econômica Federal, onde trabalho, para trabalhar na Universidade Corporativa da Caixa ou em alguma área meio da empresa que envolva projetos pedagógicos.
- Dar continuidade aos estudos, fazendo uma pós-graduação que provavelmente será à distância, devido ao meu horário de trabalho.

## ANEXO

Questionário

Objetivo: Identificar como o fato do sujeito ser estudante-trabalhador influencia seu desempenho acadêmico no curso noturno de Pedagogia da FE da UnB. Sua participação é de grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Sua identidade será preservada. Gratos desde já pela compreensão e colaboração.

PERFIL

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo:

( ) Masculino ( ) Feminino

3. Estado civil:

( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Outros, qual? \_\_\_\_\_

4. Onde cursou o ensino médio:

( ) Rede pública ( ) Rede privada ( ) Ambos

5. Ano de ingresso no curso de Pedagogia: \_\_\_\_\_

6. Nível de instrução do pai: \_\_\_\_\_

7. Nível de instrução da mãe: \_\_\_\_\_

8. Renda Familiar (incluindo a sua): \_\_\_\_\_

9. Renda Individual: \_\_\_\_\_

10. Você mora na casa dos seus pais?

Sim       Não

11. Qual sua situação econômica:

Independente financeiramente

Depende parcialmente da família

Depende integralmente da família

12. Profissão: \_\_\_\_\_

13. Local de Trabalho: \_\_\_\_\_

14. Quantidade de horas semanais que compõem sua jornada de trabalho: \_\_\_\_\_

15. A casa onde você mora é:

Alugada

Própria

Funcional

Outros, cite: \_\_\_\_\_

16. Qual o meio de transporte que você utiliza para se deslocar até a faculdade:

Transporte coletivo     Próprio

17. Em qual período você cursou o ensino médio? (Caso tenha cursado em mais de um período, marcar mais de uma alternativa)

Manhã     Tarde     Noite

### ESTUDO + TRABALHO

18. O que o levou a querer cursar uma faculdade?

19. Qual a necessidade que o levou a ter que conciliar o trabalho e o estudo? Por que não ficou só estudando?

### EXPECTATIVA COM RELAÇÃO AO CURSO

20. Qual tipo de metodologia lhe traz mais aprendizado:

( ) aula dinâmica(com jogos, atividades em grupos,etc.)      ( ) aula expositiva

20.1 Explique sua escolha:

21. Que tipo de professor você prefere:

( ) Um professor exigente que propicia um maior aprendizado

( ) Um professor menos exigente que leve em consideração o fato de você trabalhar

( ) Outro.Qual:\_\_\_\_\_

21.1 Explique sua escolha:

### DESEMPENHO ACADÊMICO

22. Você costuma participar de palestras, debates e/ou outras atividades extraclasse?

( ) Sim    ( ) Não

23. Caso você tenha respondido negativamente à pergunta anterior, qual a razão de não participar dessas atividades?

( ) Falta de tempo/Indisponibilidade    ( ) Desinteresse

( ) Outros, cite:\_\_\_\_\_

23.1 Explique sua resposta:

24. Sua experiência profissional lhe auxilia no curso?

( ) Sim    ( ) Não

24.1 Explique sua escolha:

25. Você acha que os conteúdos vistos em sala de aula são passíveis de serem aplicados no seu trabalho?

Sim  Não

25.1 Explique sua escolha

26. Fatores externos à sala de aula (atrasos, faltas, perda de provas, etc.) te desmotivam a continuar estudando?

Sim  Não

27. Quais dos motivos abaixo você considera que são os causadores desses contratempos (atrasos, faltas, perda de provas, etc.)?

Oferta de transporte público insuficiente

Dificuldade em conseguir liberação no trabalho

Outros, cite: \_\_\_\_\_

28. Você acredita que a universidade pode fazer algo para auxiliar nessas dificuldades apontadas acima (atrasos, faltas, etc.)?

Sim  Não

28.1 Explique sua escolha:

### CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO DA FE

29. Você recebe orientação da universidade para lhe ajudar na construção da sua trajetória acadêmica?

Sim  Não

30. Qual o critério que você utiliza para se matricular nas disciplinas optativas?

Horário  Tema da disciplina  Outros, cite: \_\_\_\_\_

30.1 Explique sua escolha:



31. Qual o critério que você utilizou, utiliza ou utilizaria para se matricular no Projeto 3?

Horário       Tema do projeto       Outros

31.1 Explique sua escolha:

32. Qual o critério que você utilizou, utiliza ou utilizaria para se matricular no Projeto 4?

Horário       Tema do projeto       Outros

32.1 Explique sua escolha:

33. As informações sobre a oferta de Projetos 3 e 4 são:

Claras e acessíveis

Limitadas

Insuficientes

33.1 Explique sua escolha:

34. Como você avalia a oferta de horários dos Projetos 3 e 4?

Flexível e adequada       Opções limitadas

35. Você acredita que o espaço dos Projetos 3 e 4 lhe possibilita fazer a integração entre teoria e prática?

Sim       Não

35.1 Explique sua escolha: